José Calvet de Magalhães

Ambassadeur de Portugal près le Saint-Siège

Fundação Cuidar o Futuro

Opinião minha respeito

Tem cumprimentos

Fundação Cuidar o Futuro

# INFORMAÇÕES

## Audiências

*O Santo Padre recebeu em audiências particulares:*

**No dia 12 de Agosto**

D. Raymond-Marie Tchidimbo, C.S.Sp., Arcebispo de Conakry.

Sua Ex.cia o Senhor Luís Cabral, Presidente do Conselho de Estado da República da Guiné-Bissau, com o Séquito.

## Erecção de Dioceses

*O Sumo Pontífice erigiu:*

**A 22 de Agosto**

A Diocese de Ciudad Guayaná, na Venezuela, com território desmembrado da Arquidiocese de Ciudad Bolivar, constituindo-a sufragânea da mesma Igreja Metropolitana de Ciudad Bolivar.

**A 30 de Agosto**

A Diocese de Choluteca (Honduras), até ao momento Prelazia, tornando-a sufragânea da Arquidiocese de Tegucigalpa.

**A 11 de Setembro**

A Diocese de Carolines-Marshall, na Micronésia, até ao momento Vicariato Apostólico das Ilhas Carolinas e Marshall, constituindo-a sufragânea da sede metropolitana de Suva (Fiji).

## Renúncias

*O Santo Padre aceitou a renúncia:*

**A 25 de Julho**

De D. António Oña de Echave, ao governo pastoral da Diocese de Lugo, na Espanha. Por motivo de saúde.

**A 31 de Julho**

Do Senhor Cardeal John Carberry, ao governo pastoral da Arquidiocese de Saint Louis, nos Estados Unidos da América. Em conformidade com as disposições do Decreto "Christus Dominus".

**A 17 de Agosto**

De D. Félix-Marie Verdet, ao governo pastoral da Diocese de La Rochelle e Saintes, na França.

**A 22 de Agosto**

De D. Ángel Pérez Cisneros, ao governo pastoral da Arquidiocese de Mérida, na Espanha.

**A 23 de Agosto**

De dois Prelados da Guiné: D. Raymond-Marie Tchidimbo, da Congregação do Espírito Santo, Arcebispo de Conakry; e

D. Eugène Maillat, dos Missionários da África, Bispo de N'Zérékoré.

## Nomeações

*João Paulo II nomeou:*

**No dia 25 de Julho**

Auxiliar do Arcebispo de México, o Senhor D. Luis Mena Arroyo, até ao momento Arcebispo Titular de Siniti.

*D. Luis Mena Arroyo tem 59 anos de idade. Nasceu em Zamora. Recebeu a Ordenação sacerdotal em Abril de 1944, e a Ordenação episcopal em Setembro de 1961.*

**No dia 31 de Julho**

Auxiliar do Bispo de Harrisburg, no estado norte-americano da Pensylvania, Monsenhor William H. Keeler, até ao momento Chanceler da mesma Diocese, simultaneamente eleito Bispo Titular de Dulcigno.

*D. William H. Keeler nasceu em Santo António, no Texas. Tem 48 anos de idade. Recebeu a Ordenação sacerdotal em Julho de 1955, em Roma.*

**No dia 4 de Agosto**

Auxiliar do Arcebispo de Nouméa, na Nova Caledónia, o Rev.mo Padre Michel Marie Bernard Calvet, da Sociedade de Maria, até ao momento Vigário-Geral da mesma Arquidiocese, simultaneamente eleito Bispo Titular de Nigre maggiori.

*D. Michel Marie Bernard Calvet tem 35 anos de idade. Nasceu em Aiutun, na França, em Abril de 1944. Recebeu a Ordenação sacerdotal em Lião, em Abril de 1973.*

**No dia 8 de Agosto**

Bispo de Óbidos, no Brasil, o actual Prelado, Rev.mo Padre Martinho Lammers, O.F.M.

*D. Martinho Lammers nasceu em Nienborg, Diocese de Münster (Alemanha), a 22 de Dezembro de 1939. Fez os estudos primários em Bardeal (Alemanha), os estudos liceais e de filosofia no Convento dos Frades Menores de Olinda (Pernambuco-Brasil), e os de Teologia em São Salvador da Bahia. Emitiu os votos religiosos a 5 de Junho de 1965, e recebeu a Ordenação sacerdotal a 22 de Junho de 1967. Depois de ordenado Sacerdote exerceu os seguintes cargos: Pároco de Alenquer, na Prelazia de Óbidos; Superior da Comunidade Franciscana da mesma cidade; Delegado provincial dos Franciscanos e Vigário Capitular da Prelazia de que em 19 de Julho de 1976 veio a ser Prelado.*

Auxiliares do Senhor Cardeal Eugênio de Araújo Sales, Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro:

— Monsenhor Romeo Brighenti, até esta data Vigário Episcopal da mesma Arquidiocese, simultaneamente eleito Bispo Titular de Illici; e

— o Rev.mo Padre Alfonso Felipe Gregory, do Clero de Porto Alegre, simultaneamente eleito Bispo Titular de Drusiliana.

*D. Romeo Brighenti nasceu na cidade de Juiz de Fora, no Brasil, a 2 de Outubro de 1916. Fez os estudos elementares nas escolas locais e os estudos ginasiais e liceais no Seminário Menor de São Sebastião do Rio de Janeiro. No Seminário Central fez os estudos de Filosofia e Teologia. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 8 de Dezembro de 1941 e foi incardinado na Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. Depois de receber a Ordenação sacerdotal desempenhou os seguintes cargos: Professor do Seminário Menor, Coadjutor da Paróquia "Sagrado Coração de Jesus", Pároco de São Sebastião e de São Cosme e Damião, Coordenador da Comissão arquidiocesana do "Ministério Jerárquico", Vigário episcopal para a zona norte do Rio de Janeiro e Cónego do Cabido da Catedral.*

*D. Alfonso Felipe Gregory nasceu em Estrela, Arquidiocese de Porto Alegre, a 6 de Fevereiro de 1930. Fez os estudos primários nas escolas locais, os ginasiais e os liceais no Seminário arquidiocesano de Viamão. Para os estudos de Filosofia e Teologia frequentou a Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, obtendo a licenciatura nas duas Faculdades. Foi ordenado Sacerdote em Roma a 25 de Fevereiro de 1956; depois foi para a Bélgica a fim de se especializar em Sociologia na Universidade de Lovaina. Quando voltou para o Brasil foi Pároco de São Carlos, na cidade de Agronômica (então pertencente à Arquidiocese de Porto Alegre e hoje à Diocese de Rio do Sul) e Professor de Sociologia no Seminário de Viamão; em 1963 foi chamado para trabalhar na sede central da CNBB com o encargo de fundar e dirigir o "Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais", com sede no Rio de Janeiro, Centro de que sempre foi Director.*

**No dia 9 de Agosto**

O Senhor Cardeal Secretário de Estado Agostino Casaroli, Membro da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé e da Sagrada Congregação dos Bispos;

o Senhor Cardeal Marco Cé, Membro da Sagrada Congregação para o Clero e da Sagrada Congregação para a Educação Católica;

o Senhor Cardeal Giuseppe Caprio, Membro da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos e da Pontifícia Comissão para a Revisão do Código de Direito Canónico;

o Senhor Cardeal Egano Righi Lambertini, Membro do Conselho para os Assuntos Públicos da Igreja e do Secretariado para os Não-Cristãos;

o Senhor Cardeal Joseph-Marie Trinh van-Can, Membro da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos;

o Senhor Cardeal Ernesto Civardi, Membro da Sagrada Congregação para as Causas dos Santos e do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica;

o Senhor Cardeal Ernesto Corripio Ahumada, Membro da Sagrada Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino e da Pontifícia Comissão para a América Latina;

o Senhor Cardeal Joseph Asajiro Satowaki, Membro da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos e do Secretariado para os Não-Cristãos;

o Senhor Cardeal Roger Etchegaray, Membro do Secretariado para a União dos Cristãos e da Pontifícia Comissão para as Comunicações Sociais;

o Senhor Cardeal Anastásio Alberto Ballestrero, Membro da Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares e da Pontifícia Comissão para a Revisão do Código de Direito Canónico;

o Senhor Cardeal Tomás O'Fiaich, Membro da Sagrada Congregação para o Clero e do Secretariado para a União dos Cristãos;

o Senhor Cardeal Gerald Emmet Carter, Membro do Secretariado para a União dos Cristãos e do Secretariado para os Não-Cristãos;

o Senhor Cardeal Franciszek Macharski, Membro da Sagrada Congregação para o Clero e da Sagrada Congregação para a Educação Católica;

o Senhor Cardeal Wladislaw Rubin, Membro da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé e da Sagrada Congregação para as Causas dos Santos.

**No dia 14 de Agosto**

Núncio Apostólico na Colômbia, D. Ângelo Acerbi, Arcebispo Titular de Zella.

Coadjutor, com direito de sucessão, de D. Heinrich Rüth, C.S.Sp., Prelado de Juruá, no Brasil, o Rev.mo Padre Luiz Herbst, C.S.Sp., até ao momento Vigário-Geral da mesma Prelazia.

*D. Luiz Herbst nasceu em Berdenberg, município de Aachen, na Diocese homónima (Alemanha), a 23 de Novembro de 1925. Fez os estudos médios e liceais respectivamente em Broich-Aachen e em Donaieschingen-Baden, e os estudos de Filosofia e de Teologia, no Seminário dos Padres do Espírito Santo, em Knechsteden. Fez a profissão solene a 27 de Setembro de 1949, e foi ordenado Sacerdote a 8 de Dezembro de 1951. Depois de receber a Ordenação partiu para o Brasil onde foi nomeado Coadjutor e depois Pároco da Paróquia de Porto Walter, na Prelazia de Juruá. Desde 1965 era Vigário-Geral da mesma Prelazia.*

**No dia 17 de Agosto**

Bispo de La Rochelle e Saintes, na França, D. François Favreaud que sucede por coadjutoria a D. Félix-Marie Verdet, resignatário.

*O novo Bispo de La Rochelle e Saintes nasceu em Novembro de 1929, em Saint Savin sur Gartempe. Recebeu a Ordenação sacerdotal em Junho de 1952, e a Ordenação episcopal em Janeiro de 1973.*

**No dia 20 de Agosto**

O Senhor Cardeal Franjo Seper, Enviado especial às celebrações de Nin, na Diocese de Zadar. *(Ver: número do nosso jornal de 16.9.79, pág. 6).*

**No dia 22 de Agosto**

Arcebispo de Mérida, D. Miguel Antonio Salas, C.I.M., transferido da Diocese de Calabozo;

Bispo de Ciudad Guayana, D. Medardo Luzardo Romero, transferido da Diocese de San Carlos;

Bispo de Trivandrum dos Latinos (India), o Rev.mo Padre Jacob Acharuparambil, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, até ao momento Definidor-Geral da mesma Ordem.

*D. Jacob Acharuparambil nasceu em Palliport, Arquidiocese de Verapoly (Kerala), a 16 de Abril de 1919. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 17 de Março de 1945.*

**No dia 23 de Agosto**

Arcebispo de Conakry, o Rev.mo Padre Robert Sarah, do Clero secular de Conakry, até ao momento Pároco de quatro localidades da mesma Arquidiocese: Boké, Katace, Koundara e Ourus.

*D. Robert Sarah nasceu em Ourus em 1945. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 20 de Julho de 1969.*

Bispo de N'Zérékoré, Monsenhor Philippe Kourouma, do Clero da mesma Diocese, até ao momento Pároco de Macenta, na Diocese de N'Zéréloré.

*D. Philippe Kourouma nasceu em 1932. Foi ordenado Sacerdote em 1962.*

**No dia 25 de Agosto**

Núncio Apostólico no Equador, D. Vincenzo Farano, Arcebispo Titular de Civitanova;

Pró-Núncio Apostólico no Benin e Delegado Apostólico no Togo, D. Giuseppe Ferraioli, Arcebispo Titular de Volturno;

Pró-Núncio Apostólico no Níger, D. Justo Mullor Garcia, Arcebispo Titular de Mérida Augusta;

Pró-Núncio Apostólico na Libéria e na Gâmbia, e Delegado Apostólico na Guiné e na Serra Leoa, D. Johannes Dyba, simultaneamente eleito Arcebispo Titular de Neapoli di Proconsolare.

*D. Johannes Dyba nasceu em Berlim a 15 de Setembro de 1929. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 2 de Fevereiro de 1959, sendo incardinado na Arquidiocese de Colónia. Prestou serviço em diversas representações pontifícias. A 1 de Julho de 1975 foi nomeado Conselheiro de Nunciatura. Em 1977 foi nomeado Subsecretário da Pontifícia Comissão "Justitia et Pax".*

Coadjutor com direito de sucessão a D. Thomas Ryan, Bispo de Clonfert (Irlanda), o Rev.mo Padre Joseph Cassidy, até ao momento Presidente do Colégio de São José na mesma Diocese.

*D. Joseph Cassidy nasceu em Charlestown, Diocese de Achonry, a 29 de Outubro de 1933. Recebeu a Ordenação sacerdotal em Junho de 1959.*

Bispo de León, na Espanha, o Rev.mo Padre Fernando Sebastián Aguilar, C.M.F., até ao momento Professor da Pontifícia Universidade de Salamanca.

*D. Fernando Sebastián Aguilar nasceu em Calatayud, Diocese de Tarragona, a 14 de Dezembro de 1929. Foi ordenado Sacerdote a 28 de Junho de 1953.*

## Mensagens por aniversários de Ordenação

*O Santo Padre enviou mensagens de felicitações e bons votos:*

**11 de Agosto**

A D. Salvatore Baldassarri, Arcebispo Resignatário de Ravenna e Cervia, na Itália. Pelo quinquagésimo aniversário de Ordenação sacerdotal.

**15 de Agosto**

Ao Senhor Cardeal Eugênio de Araújo Sales, Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro, no Brasil, que celebrava nesta data o vigésimo quinto aniversário de Ordenação episcopal.

A D. Manuel Pereira da Costa, Bispo de Campina Grande, também no Brasil, que igualmente nesta data comemorava 25 anos de episcopado.

**18 de Agosto**

A D. William Brasseur, Vigário Apostólico de Mountain Province, nas Filipinas. Pelo 50º aniversário de Ordenação sacerdotal.

**24 de Agosto**

A D. Marino Bergonzini, Bispo de Faenza e Modigliana, na Itália. Pelo 50º aniversário de Ordenação sacerdotal.

**25 de Agosto**

A D. Benigno Chiriboga, Bispo Resignatário de Latagunga, no Equador. Pelo 50º aniversário de Ordenação sacerdotal.

## Prelados falecidos

*Faleceram piedosamente:*

**No dia 24 de Julho**

O Senhor D. Giuseppe D'Avack, que durante 18 anos, precisamente de 1946 a 1964 governara pastoralmente a Arquidiocese de Camerino, na Itália.

*D. Giuseppe D'Avack nascera em Roma em Maio de 1899. Recebera a Ordenação sacerdotal em 1923, e a Ordenação episcopal em 1946.*

**No dia 30 de Julho**

O Senhor D. Lafayette Libânio, que durante 36 anos, de 1930 a 1966, governara pastoralmente a Diocese de Rio Preto, no Brasil.

*O ilustre Extinto nascera em Pouso Alegre, no Brasil, em 1886. Recebera a Ordenação sacerdotal em 1909, e a Ordenação episcopal em 1930.*

**No dia 2 de Agosto**

O Senhor D. Francis Arthur Carvalho, Bispo Titular de Demetriade, Assistente ao Sólio Pontifício e durante 12 anos, de 1953 a 1965, Auxiliar do Arcebispo de Madras-Mylapore, na Índia.

*O ilustre Prelado, que ia completar 93 anos de idade em Dezembro deste ano, nascera em Villenour, na India. Recebera a Ordenação sacerdotal em Março de 1911, e a Ordenação episcopal em Março de 1953.*

**No dia 3 de Agosto**

Sua Eminência o Senhor Cardeal Alfredo Ottaviani.

*In memoriam: no nosso número de 12.8.79, pág. 2.*

**No dia 10 de Agosto**

Sua Eminência o Senhor Cardeal John Joseph Wright.

*In memoriam: no nosso número de 19.8.79, pág. 6.*

**No dia 20 de Agosto**

O Senhor D. Alfredo Llaguno Canals, Bispo Titular de Suliana e Auxiliar do Arcebispo de San Cristóbal de La Habana.

*D. Alfredo Llaguno Canals nascera em Cuba. Tinha 77 anos de idade. Recebera a Ordenação sacerdotal em Outubro de 1928, e a Ordenação episcopal em Maio do ano seguinte.*

**No dia 21 de Agosto**

O Senhor D. Alexander Edezath, Bispo Resignatário de Cochim, na Índia.

*O saudoso Extinto nascera em Kumbalanghi, na India, a 26 de Outubro de 1904. Recebera a Ordenação sacerdotal a 20 de Dezembro de 1935, e a Ordenação episcopal a 7 de Dezembro de 1952.*

Fundação Cuidar o Futuro

**A dois Grupos internacionais de Cientistas**

# O Matrimónio é memorial, actualização e profecia da história da aliança entre Deus e o seu povo

*Na manhã do dia 3 do corrente, o Santo Padre recebeu em audiência os delegados do Centro de Ligação das Equipas de Investigações e os membros do Conselho Administrativo da Federação Internacional da Acção Familiar. Uns investigam e outros promovem a aplicação dos métodos naturais da planificação familiar.*

*O Sumo Pontífice, depois de saudado pelo Director do Centro e pela Presidente da Federação, pronunciou o seguinte discurso:*

Queridos Amigos

1. Tenho especial gosto de me encontrar aqui com os membros do Centro de Ligação das Equipas de Investigações (CLER). No apostolado com os casais — em que tanto insistiu o decreto conciliar *Apostolicam Actuositatem* (n. 11) — vós desempenhastes as funções de pioneiros, muito antes do Concílio Vaticano II. E actualmente as vossas equipas — em que médicos, psicólogos, conselheiros conjugais e educadores põem em comum as suas competências e as suas convicções de cristãos — têm papel muito apreciável, não só para estudar as questões que se relacionam com a regulação dos nascimentos e a fecundidade dos casais, mas também para estudar concretamente os lares quanto a todos os problemas da sua vida conjugal e familiar, e para contribuir no melhor sentido para a educação sexual dos jovens. Vós tivestes confiança na Igreja e no seu Magistério, certos que trabalhando assim não andáveis enganados. A vossa peregrinação oferece a oportunidade de agradecer ao Senhor, de reflectir sobre a obra realizada a fim de ela prosseguir com cada vez maior ânimo e fidelidade, e de estreitar os vossos laços de união com a Igreja que desejais servir, neste momento em que se prepara o Sínodo dos Bispos sobre o papel da família cristã. Manifesto-vos, juntamente com o agradecimento da Igreja, as minhas felicitações e o meu vivo incitamento.

2. Permiti-me que saúde, ao mesmo tempo que a vós, os membros do Conselho Administrativo da Federação Internacional da Acção Familiar (FIDAP ou IFFLP) que vai ter reunião em Roma, com os membros e os conselheiros da nossa Comissão para a Família; essa federação realiza, mesmo junto das grandes Organizações internacionais, um trabalho semelhante, de que o CLER continua a ser parte responsabilizada: o de busca e promoção dos métodos naturais da planificação familiar e da educação para a vida familiar. Alegro-me com a seriedade e a extensão da vossa actividade, e da sua convergência com a acção pastoral da Igreja católica nestes campos.

Dirigindo-se a todos vós, não é necessário que o Papa se alargue nestas considerações que são já objecto de firme convicção pela vossa parte. Já eu muitas vezes tive aliás ocasião de falar dos problemas familiares nestes últimos tempos, por exemplo, aos leigos reunidos em Limerick na Irlanda, aos Bispos americanos e às famílias reunidas para a missa no Capitol Mall de Washington. Insistirei contudo nalguns aspectos importantes.

3. Primeiro, para cristãos é fundamental elevar o debate considerando imediatamente o *aspecto teológico* da família, meditando por conseguinte na realidade sacramental do matrimónio. A sacramentalidade só pode ser compreendida à luz da história da salvação. Ora esta história da salvação qualifica-se como *história de aliança* e de comunhão entre Iavé e Israel primeiramente, depois entre Jesus Cristo e a Igreja, no período actual da Igreja, esperando a aliança escatológica. Do mesmo modo, precisa o Concílio, "o Salvador dos homens, Esposo da Igreja, vem ao encontro dos esposos cristãos pelo sacramento do matrimónio" (1). O matrimónio constitui pois, ao mesmo tempo, memorial, actualização e profecia da história da aliança. "Este mistério é grande", diz São Paulo. Casando-se, os noivos cristãos não começam apenas a sua aventura, mesmo entendida no sentido de santificação e de missão; começam uma aventura que os insere de maneira responsável na grande aventura da história universal da salvação. Sendo memorial, o sacramento dá-lhes a graça e o dever de fazerem memória das grandes obras de Deus e darem testemunho delas junto dos próprios filhos; sendo actualização, dá-lhes a graça e o dever de executarem no presente, um para com o outro e para com os filhos, as exigências dum amor que perdoa e resgata; sendo profecia, dá-lhes a graça e o dever de viverem e testemunharem a esperança do futuro encontro com Cristo.

4. Sem dúvida, todos os sacramentos comportam participação no amor nupcial de Cristo para com a sua Igreja. Mas, no matrimónio, a modalidade e o conteúdo desta participação são específicos. Os esposos participam ambos nisso como casal, a ponto de o efeito primário e imediato do matrimónio ("res et sacramentum") não ser a graça sobrenatural, mas o laço conjugal cristão, comunhão entre dois tipicamente cristã por representar o mistério da encarnação de Cristo e o seu mistério de aliança. E o conteúdo da participação na vida de Cristo é também específico: o amor conjugal inclui totalidade, em que entram todos os elementos da pessoa — apelo do corpo e do instinto, força do sentimento e da afectividade, aspiração do espírito e da vontade —; tende para uma unidade profundamente pessoal, aquela que, para além da união numa só carne, leva a não constituir mais que um coração e uma alma; exige a indissolubilidade e a fidelidade na doação recíproca definitiva; e abre-se para a fecundidade (2). Numa palavra, trata-se certamente das características normais de todo o amor conjugal natural, mas com significação nova que não somente os purifica e consolida, mas os eleva a ponto de fazer deles a expressão de valores propriamente cristãos. Eis a perspectiva a que devem erguer-se os esposos cristãos: nisso está a sua grandeza, nisso a sua força, nisso a sua exigência e nisso também a sua alegria.

5. É também nesta perspectiva que se deve encarar a *paternidade responsável* deles. Neste plano, os esposos, os pais, podem encontrar certo número de problemas que não consigam resolver-se sem um amor profundo, amor que encerre também um esforço de continência. Estas duas virtudes, amor e continência, exigem uma decisão comum dos esposos e a vontade de se submeterem eles próprios à doutrina da fé, ao ensinamento da Igreja. Sobre este vasto assunto, contentar-me-ei com três observações.

6. Primeiro, é preciso não falsificar a *doutrina da Igreja*, tal como foi claramente exposta pelo Magistério e pelo Concílio e pelos meus predecessores; penso explicitamente na Encíclica *Humanae vitae* de Paulo VI, no seu discurso às Equipas de Nossa Senhora de 4 de Maio de 1970, e nas suas outras numerosas intervenções. É para este ideal das relações conjugais, mantidas dentro dos limites e do respeito da natureza e das finalidades do acto matrimonial, que é preciso conservar continuamente a orientação, sem a desviar para uma concessão mais ou menos larga, mais ou menos explícita, em favor do princípio e da prática dos costumes contraceptivos. Deus chama os esposos à santidade do matrimónio, para bem próprio deles e para ser o que deve o testemunho dos mesmos.

7. Mantendo-se firme este ponto, por obediência à Igreja — e é honra vossa manterde-la custe o que custar —, não é menos importante ajudar os casais cristãos e os outros a fortificarem as suas próprias *convicções*, procurando com eles as razões profundamente humanas de assim se proceder. Bom é que eles entrevejam como esta ética natural corresponde à antropologia bem compreendida, de maneira que se fuja às armadilhas duma opinião pública ou duma lei que sejam permissivas, e mesmo para contribuir, em toda a medida do possível, para rectificar esta opinião pública. Muitos elementos de reflexão podem contribuir para que se forjem sãs convicções que venham ajudar a obediência do cristão ou a atitude do homem de boa vontade. E sei que isto é também parte importante da vossa tarefa educativa. Por exemplo, numa época em que tantas correntes ecológicas pedem respeito pela natureza, que pensar duma invasão de procedimentos e de substâncias artificiais neste campo eminentemente pessoal? Substituir por técnicas o domínio próprio, a renúncia a si mesmo em favor de outrem e o esforço comum dos esposos, não assinala porventura uma regressão daquilo que forma a nobreza do homem? Então não se vê que a natureza do homem está subordinada à moral? Mediu-se acaso todo o alcance da recusa, constantemente acentuada, do filho sobre a psicologia dos pais — sendo que eles trazem em si o desejo do filho, inscrito na natureza deles — e dessa recusa sobre o futuro da sociedade? E que pensar duma educação sexual dos jovens que não os precavesse contra a busca dum prazer imediato e egoísta, dissociado das responsabilidades do amor conjugal e da procriação? Sim, é necessário preparar de muitos modos para o amor verdadeiro, a fim de evitar que se degrade, neste ponto capital, a partir de conceitos instáveis ou falseados, o tecido moral e espiritual da comunidade humana.

8. O respeito da vida humana já concebida faz evidentemente parte, a especial título, das convicções que é necessário iluminar e fortificar. É ponto em que a responsabilidade do homem e da mulher deve levá-los a acolher e proteger o ser humano de que eles foram os procriadores e que não têm nunca o direito de eliminar: é campo em que o ambiente, a sociedade, os médicos, os conselheiros conjugais e os legisladores têm o dever de permitir que tal responsabilidade se exerça, sempre no sentido do respeito da vida humana, apesar das dificuldades e sendo oferecida uma ajuda mútua nos casos de miséria. É ponto sobre o qual a Igreja se pronunciou de maneira unânime em todos os países, de modo que não há porque insistir agora. A legislação do aborto levará fatalmente muitos a deixarem de sentir este respeito e esta responsabilidade para com a vida humana, banalizando um pecado grave. E deve mesmo acrescentar-se que a generalização da prática contraceptiva por métodos artificiais leva também ao aborto, porque uma e outra situam-se, embora a níveis diferentes, na mesma linha do medo do filho, da rejeição da vida, da falta de respeito pelo acto e pelo fruto da união, tal como ela é querida — entre o homem e a mulher — pelo Criador da natureza. Aqueles que estudam a fundo estes problemas bem o sabem, ao contrário do que certos raciocínios ou certas correntes de opinião poderiam levar a crer. Honra vos seja por aquilo que fazeis e vireis a fazer para formar as consciências sobre este ponto do respeito da vida.

9. Por fim, é preciso pôr em prática tudo o que é capaz de *ajudar concretamente* os casais a que vivam esta paternidade responsável, e nisto o que está na vossa mão é insubstituível. As *investigações científicas*, que vós continuais e pondes em comum para adquirir conhecimento mais preciso do ciclo feminino e permitir utilização mais serena dos métodos naturais de regulação dos nascimentos, merecem ser melhor conhecidas, animadas e propostas efectivamente para serem aplicadas. Gosto de saber que um número cada vez maior de pessoas e organismos, no plano internacional, apreciam esses esforços de regulação natural. A esses homens de ciência, a esses médicos e a esses especialistas endereço todos os meus votos e as minhas palavras de ânimo, porque daí depende o bem das famílias e das sociedades, no cuidado legítimo que têm de harmonizar a fecundidade humana com as suas possibilidades, e contanto que apelem sempre para as virtudes do amor e da continência, daí depende o progresso do domínio humano conforme o desígnio do Criador.

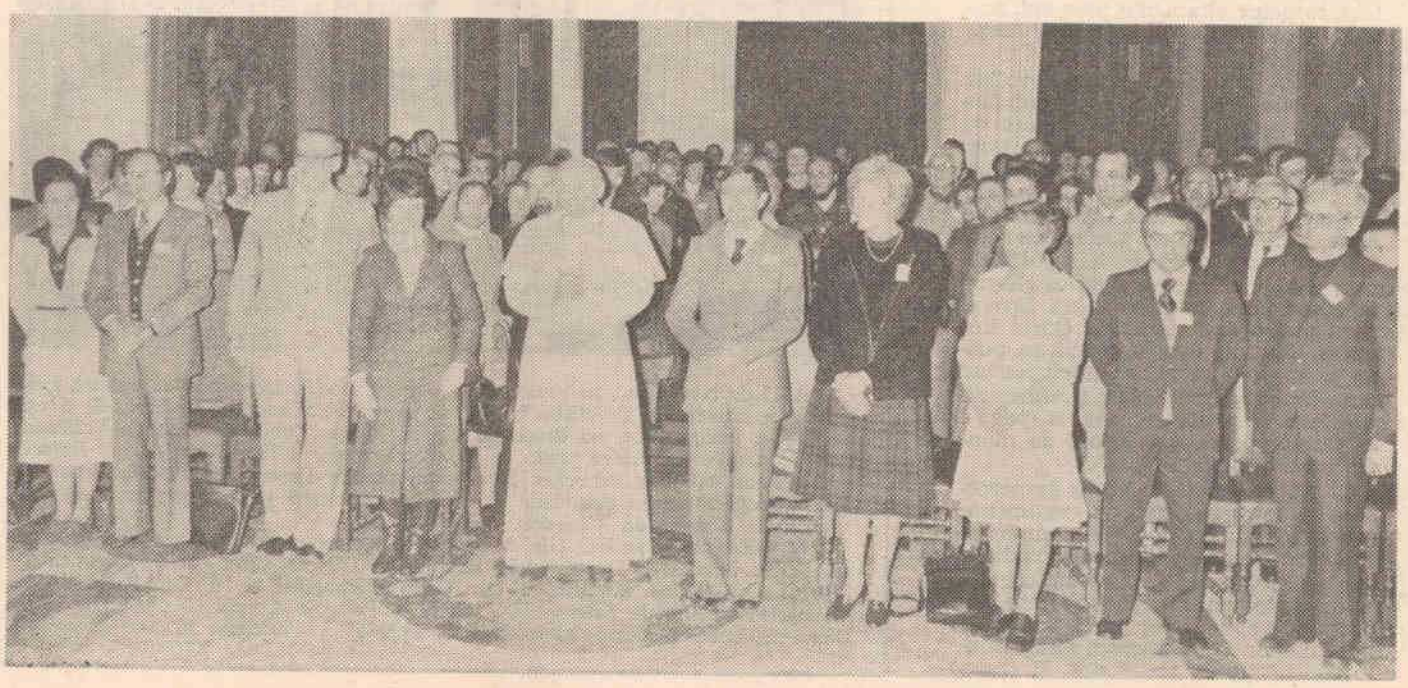
Animo do mesmo modo todos os leigos qualificados, todos os pares que, na qualidade de *conselheiros*, professores e educadores, prestam o seu concurso para ajudar os casais a viver o seu amor conjugal e a sua responsabilidade parental de maneira digna, ajudando ao mesmo tempo os jovens a prepararem-se para isso mesmo.

A cada um de vós, aos vossos colaboradores, às vossas famílias e aos vossos queridos filhos, prometo a minha oração pelo vosso magnífico apostolado e concedo a minha paternal Bênção Apostólica.

---

1) Constituição Apostólica *Gaudium et Spes*, 48, parágrafo 2.

2) Cfr. Encíclica *Humanae vitae*, 9.



# Importante avanço no caminho da colegialidade

● Continuação da primeira página

quando nos reunimos neste primeiro encontro histórico por mim tão desejado e por vós favorecido com a presença e a colaboração. "Fratres in unum". Sentimo-nos *irmãos, unidos com um mesmo vínculo de vocação e de missão*: reunidos à volta do altar, à volta do Túmulo de Pedro, na segunda-feira 5 de Novembro, orando pelos Irmãos do Sacro Colégio que em grande parte estiveram ao nosso lado no ano passado e o Senhor chamou a si; unidos nesta sala, onde se sentiu aquela única paixão que a todos nos consagra *para a obra do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo, até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus* (2).

E irmãos nos sentimos especialmente hoje, no vínculo desta nossa Igreja de Roma, a que estamos muito estreitamente ligados, eu como Pastor, vós como membros autorizados do clero romano, a que os vossos títulos e diaconias vos dão o direito original de pertencerdes; hoje, repito, em que a Igreja universal celebra a Dedicação da Basílica Lateranense, *mater et caput omnium Ecclesiarum*, sede da cátedra do Bispo de Roma.

2. Um reflexo daquela alegria, que é própria da Jerusalém celeste, irradia também e especialmente sobre nós, aqui reunidos, para conclusão do encontro precisamente no dia consagrado à dedicação da Cátedra de Roma.

Com estes sentimentos agradeço-vos de todo o coração: terdes vindo a Roma de todos os Continentes, deixando por alguns dias as solicitudes pastorais que vos unem às vossas Igrejas, a que vos liga em Cristo um amor nupcial; terdes enfrentado os incómodos da viagem sem reparar nas exigências do trabalho. Obrigado pelas intervenções, sólidas e ponderadas, que fizestes aqui ouvir, pelo acordo com que a Assembleia e cada um dos Círculos trabalharam respondendo ao convite feito, e pela positiva colaboração manifestada.

Mas obrigado sobretudo pelo *clima que se respirou aqui*: clima de fraternidade, de família, de co-responsabilidade e de amor: *caritas... Christi urget nos* (3).

3. Penso que deste modo a nossa reunião contribuiu:

— para percorrer em breve tempo um importante avanço no caminho da colegialidade, dentro do espírito do Concílio Vaticano II;

— para a reanimação desta maravilhosa instituição que é o Colégio Cardinalício conforme a sua natureza e a sua tradição.

Agradecendo, não posso ao mesmo tempo deixar de pedir desculpa:

— pelas dificuldades, que tivestes de enfrentar;

— pelos encargos que, pela sua dimensão, pareciam ultrapassar as possibilidades do tempo, que a eles se podia dedicar.

Viu-se, porém, que mesmo num tempo relativamente breve se pôde fazer não pouco nesta qualificada Assembleia.

4. Os elementos principais serão indicados no comunicado final.

Em certo sentido, este encontro introduziu em nova troca de ideias e solicitude pastoral.

Não há dúvida que este encontro teve carácter altamente pastoral, animado pela "sollicitudo omnium ecclesiarum" (4).

5. Não é minha intenção voltar aos temas, que foram submetidos à vossa reflexão mesmo durante os últimos meses. Baste-me dizer que, no que diz respeito à organização da Cúria Romana, serão tidos bem presentes as sugestões, os conselhos e as propostas que, animados por sincero amor pelo bem da Igreja universal, vós fizestes e fareis chegar aqui, ao coração mesmo da Igreja, para que o organismo da Cúria Romana, tão articulado e complexo, possa ficar habilitado a desempenhar um serviço cada vez mais qualificado, precioso e profícuo, aos Bispos e às Conferências Episcopais do mundo inteiro.

6. Não vos passou depois despercebido o interesse que, pessoalmente e com o auxílio dos meus directos colaboradores, eu pretendo dedicar aos problemas da cultura, da ciência e da arte que foram objecto de particular estudo por parte do Concílio Vaticano II, e esperam mais pronto contributo de todos nós, Homens de Igreja. Foi o Concílio que pôs em plena luz, na constituição pastoral *Gaudium et Spes*, a necessidade de promover o desenvolvimento da cultura: "Os cristãos — diz-se no documento — a caminho da cidade celeste, devem procurar e saborear as coisas que são do alto; o que, todavia, em nada diminui a importância, antes a aumenta, da obrigação de trabalhar com todos os homens e de esforçar-se pela construção de um mundo mais humano. Realmente, o mistério da fé cristã proporcionar-lhes-á óptimos incitamentos e apoios para se entregar com maior entusiasmo a essa missão e, sobretudo, para descobrir o sentido pleno das actividades capazes de dar à cultura o lugar eminente que lhe cabe na vocação integral do homem" (5).

A esta finalidade visam as solicitudes e as perspectivas, que me permiti tornar-vos presentes, explicadas depois competentemente pelo Cardeal relator. As intervenções mostraram claramente aquilo que vos preocupa no desenvolvimento deste campo vital, *em que se joga o destino da Igreja e do mundo neste final do nosso século*.

Atribuo, por isso, importância também grandíssima às vozes que fareis que me cheguem sobre esta, para mim e para todos, central e iniludível questão.

7. No que diz respeito ao terceiro assunto, quer dizer, à questão "económica", parece oportuno fazer notar:

— continuando a troca das informações, iniciada já no mês de Agosto do ano passado, isto é, antes do Conclave, pudestes, Venerados Irmãos, tomar conhecimento, de maneira precisa, do estado dos problemas financeiros da Santa Sé;

— isto é muito importante para se formar exactamente a opinião pública na Igreja e em toda a sociedade católica quanto a este assunto. Essa fábula espalhada acerca das finanças da Santa Sé causou-lhe prejuízo não leve. Como nos tempos antigos, também nos nossos dias surgem mitos. O único modo de proceder em semelhante questão é o de considerar objectivamente o assunto em si mesmo. Devo, a este propósito, agradecer-vos vivamente porque também neste campo vós, com generosa disposição, estais prontos a colaborar segundo a tradição apostólica confirmada pela experiência de todas as épocas da Igreja.

— A Sé Apostólica, para poder servir com eficácia a missão universal da Igreja, para poder realizar o programa pastoral do Concílio e para trabalhar em favor da evangelização, precisa também de meios financeiros. Objectivamente, estes meios, em comparação com os que o mundo contemporâneo dispende, por exemplo, para os armamentos, são supermodestos.

Além disto, a manutenção daquele grande monumento da cultura, qual é a Basílica de São Pedro, e, relacionada com ela, doutras instituições, por exemplo, os Museus do Vaticano, é nosso dever perante a História.

Parece-me, por último, poder dizer que as finalidades, para as quais se tinha pensado em convocar esta reunião extraordinária dos Padres Cardeais, foram atingidas, "Deo adiuvante".

Precisamente a Ele — ao "Pai da luz", de quem desce *toda a boa dádiva e todo o dom perfeito* (6) — sobe o agradecimento comum. A Ele confiamos os nossos propósitos e os nossos trabalhos. A Ele pedimos a graça de continuar com perseverança no caminho começado, para elevação do homem, para o verdadeiro progresso dos povos e para a paz universal. *Aspirando praevenit, et adiuvando prosequere.*

E Maria, Mãe da Igreja, Rainha dos Apóstolos, valorize os nossos votos comuns e fecunde-os com a sua protecção.

A Ela — e digo-o recolhendo o voto unânime expresso nesta sala — confio ainda a minha pessoa e toda esta nossa assembleia de Pastores.

A todos vós, Irmãos muito amados, a minha bênção especial.

1) *Sl.* 132, 1.
2) *Ef.* 4, 12 s.
3) *2 Cor.* 5, 14.
4) Cfr. *2 Cor.* 11, 28.
5) *Gaudium et Spes*, 57.
6) *Tg.* 1, 17.

# A conclusão da Reunião Plenária dos Cardeais

*Terminaram no fim da manhã de sexta-feira, 9 de Novembro, na Sala do Sínodo, no Vaticano, os trabalhos da reunião plenária do Sacro Colégio dos Cardeais. Pouco depois, o Director da Sala de Imprensa do Vaticano, Rev.mo Padre Romeo Panciroli, distribuiu aos jornalistas o seguinte comunicado final:*

1. Terminaram no fim da manhã de hoje as reuniões do Plenário do Colégio Cardinalício, que o Santo Padre, atendendo também à experiência e à utilidade das "Congregações Cardinalícias" realizadas durante as Sedes Vacantes do ano passado, desejou convocar para delas receber conselho sobre alguns assuntos de actualidade, respeitantes à actividade da Igreja.

Como é sabido, o Colégio Cardinalício é o Senado do Papa, com o encargo de o aconselhar e auxiliar na Sua missão (cânone 230 C.I.C.). O desempenho deste dever realizou-se nos tempos passados em várias formas, em dependência das situações históricas e das necessidades que se iam apresentando. A reunião de todos os Cardeais com o Papa é considerada, portanto, nesta perspectiva e como restauração dum costume antigamente seguido, na diversidade dos tempos, durante a história da Igreja.

2. Os trabalhos, abertos na tarde de 5 de Novembro corrente com o Discurso do Santo Padre, tiveram como objecto os assuntos seguintes:

*a*) A estrutura dos Organismos da Santa Sé, o seu funcionamento e perspectivas (relator: Cardeal Agostino Casaroli, Secretário de Estado).

*b*) A Igreja e a cultura (relator: Cardeal Grabriele M. Garrone, Prefeito da Sagrada Congregação para a Educação Católica).

*c*) A situação financeira da Santa Sé (relatores: Cardeais Egídio Vagnozzi, Presidente da Prefeitura dos Assuntos Económicos; e Giuseppe Caprio, Presidente da Administração do Património da Sé Apostólica). Um complemento destas relações foi apresentado, por explícita vontade do Santo Padre, pelo Cardeal Secretário de Estado.

Depois dalgumas intervenções de carácter geral na Assembleia, os Cardeais reuniram-se em grupos linguísticos para examinar e aprofundar a matéria das relações.

Nas Assembleias gerais de quinta e sexta-feira, três Relatores por cada grupo linguístico referiram sobre as conclusões a que os mesmos grupos tinham chegado. Essas conclusões não têm contudo carácter definitivo pois, para consentir aos Cardeais maior aprofundamento pessoal dos temas em exame, foi-lhes assinalado um período de três meses a fim de poderem enviar novas sugestões possíveis e novos votos.

Seguiram-se intervenções de numerosos Padres Cardeais. A discussão, que tocou com igual interesse e desenvolvimento os três pontos propostos, decorreu em clima de grande sinceridade e fraternidade.

3. Quanto ao primeiro assunto foi concordemente reconhecida a substancial validez das presentes estruturas da Cúria e a correspondência delas aos votos do Concílio em ordem ao serviço, que, com sensibilidade pastoral, ela é chamada a prestar à Igreja de todo o mundo.

Foram todavia apresentadas várias propostas tendentes a introduzir alguns melhoramentos desejados na ordenação e no funcionamento dalguns Organismos curiais, na linha, aliás, de quanto tinha já estabelecido o Sumo Pontífice Paulo VI.

4. Quanto ao assunto Igreja e cultura, os Eminentíssimos Padres fizeram ressaltar como a Igreja se ocupa da cultura não só a título apologético mas também para favorecer o progresso do conhecimento do mundo criado por Deus e para oferecer à sabedoria humana, diante dos graves problemas que ela deve hoje debater, o contributo da sabedoria divina, depositada na Revelação. Conscientes do nexo entre o progresso material e moral do homem, e, por outro lado, do desenvolvimento das ciências humanas, fizeram notar o dever e a necessidade de a Santa Sé e a Igreja continuarem e intensificarem o apoio tradicional que oferecem a todo o mundo da cultura, não só através do contacto permanente e confiado com homens da ciência e da arte, mas também actualizando as instituições culturais existentes e possivelmente promovendo novas.

5. Acerca da situação financeira da Santa Sé, os Eminentíssimos Cardeais tomaram conhecimento com atenção dos dados fornecidos, que permitiram chegar a uma visão clara do conjunto dos problemas que tal situação comporta, os quais encontram explicação também em processos económicos gerais que se estão verificando no mundo inteiro.

Da análise realizada — do conjunto dos recursos, por um lado, e das despesas, pelo outro — concluiu-se que efectivamente as receitas do património (imobiliar e mobiliar) da Santa Sé e as outras suas fontes institucionais de possível rendimento são absolutamente insuficientes para cobrir as despesas no governo central da Igreja e no ministério de caridade universal do Papa.

O considerável *deficit* maior cada ano

# Inauguração de duas Exposições no Vaticano

A 13 de Novembro, na presença de personalidades do mundo da cultura e da arte, e de numerosos jornalistas italianos e estrangeiros acreditados junto da Santa Sé, foram inauguradas, no Braço de Carlos Magno, junto da Basílica Vaticana, duas Exposições: primeiro plano de uma obra-prima: *a Transfiguração de Rafael;* e, *Vaticano: 50 anos de selos*. Duas interessantes Exposições histórico-artísticas que repropõem a originalidade de iniciativas deste género promovidas pelo Estado da Cidade do Vaticano.

O Delegado especial, Giulio Sacchetti tomou a palavra, para apresentar esta feliz iniciativa. Depois dele falaram o Director-Geral dos Monumentos, Museus e Galerias Pontifícias, Dr. Carlo Pietrangeli, e o Dr. Richard W. Young, Presidente da *International Division Polaroid Corporation*. O Dr. Enzo Diena expôs aos presentes os motivos da Exposição *"Vaticano: 50 anos de selos"*.

(para 1979 é previsto de cerca de 17 biliões de liras, equivalentes a cerca de 20 milhões e 240.000 dólares dos Estados Unidos) pôde ser coberto até agora graças às ofertas voluntárias chegadas do mundo católico, em particular por meio do "Óbolo de São Pedro" (a respeito do qual foi apresentado aos Eminentíssimos Cardeais um exacto e particularizado mapa do ano de 1978, com referência também aos totais dos últimos anos).

Os Eminentíssimos Cardeais, recordando como "o espírito de pobreza e de amor é a glória e o sinal da Igreja de Cristo", não puderam contudo fugir a notar que, se as despesas continuassem a aumentar ao ritmo presente (especialmente pelos aumentos da inflação e do custo da vida) e as entradas permanecessem na medida actual, a Santa Sé viria a encontrar-se, dentro de poucos anos, em graves dificuldades para conseguir prover adequadamente ao governo central da Igreja e ao exercício da sua missão de evangelização e de prática da caridade. Eles, portanto, ao mesmo tempo que insistiram na necessidade de comprimir quanto possível as despesas, manifestaram ao mesmo tempo compreensão plena do problema e vontade de se encontrarem fraternalmente ao lado do Santo Padre na procura de soluções.

Durante a reunião foi também discutida a possibilidade de ser considerada favoravelmente a proposta de dar informação pública sobre esta matéria.

6. Os Cardeais manifestaram ao Santo Padre viva gratidão por terem sido convidados a exprimir o seu parecer sobre os problemas a eles apresentados e manifestaram o desejo de que encontros assim se venham ainda a repetir no futuro.

Em nome deles, o Eminentíssimo Cardeal Decano insistiu por último em assegurar a mais completa e afectuosa lealdade e solidariedade do Colégio Cardinalício ao Vigário de Cristo e a plena adesão ao Seu ensinamento e às Suas directrizes.

## *Visita pastoral do Santo Padre João Paulo II na sua Diocese*

### Homilia na igreja de São Lucas Evangelista

# O primado do amor na vocação do homem

*No domingo 4 de Novembro, o Santo Padre deslocou-se em visita pastoral à paróquia de São Lucas Evangelista, na Via Prenestina. Durante a missa, celebrada na praça diante da igreja paroquial, João Paulo II pronunciou a seguinte homilia:*

Irmãs e Irmãos caríssimos!

*Graça e paz a vós da parte de Deus, Pai nosso, e da do Senhor Jesus Cristo* (1).

1. Desejo, com estas palavras de São Paulo aos Romanos, apresentar hoje a minha saudação cordial a todos os componentes da Paróquia de São Lucas, jovem ainda, é verdade — de facto foi constituída juridicamente em 1956 —, mas cheia já de dinamismo e vitalidade.

Dias atrás, exactamente de 13 a 28 de Outubro, o Bispo Auxiliar do Sector, Dom Giulio Salimei, fez a visita pastoral. Tomei conhecimento, com íntima satisfação e legítima alegria, da relação por ele elaborada e também da preparada pelo pároco, Monsenhor Alessandro Agostini, com os sacerdotes que com ele trabalham para o vosso bem. Pretendo, com esta minha visita, concluir e, de certo modo, "selar" a do Bispo Auxiliar.

Uma saudação, antes de mais, ao Cardeal Vigário e ao Bispo Salimei, ao pároco e ao grupo de sacerdotes que oferecem as suas melhores energias físicas e espirituais a esta comunidade paroquial, que apresenta vários e complexos problemas, entre os quais o mais pequeno não é o da sua numerosa população: cerca de trinta mil habitantes, com oito mil famílias. Uma saudação aos Sacerdotes das paróquias vizinhas, aos Religiosos e às Religiosas que vivem e trabalham no âmbito da paróquia: desejo recordar neste momento o Centro provincial dos Irmãos do Padre Charles de Foucauld; as Irmãs Oblatas do Sagrado Coração de Jesus que generosamente se dedicam ao serviço da paróquia; o numeroso grupo das Irmãs da Misericórdia de Verona, empenhadas nas suas variadas actividades educativas, catequéticas e caritativas. Esta presença é para mim expressão da comunidade, tão cara e preciosa à vida da Igreja, tão útil à existência e ao serviço sacerdotal.

Dirijo uma saudação cordial aos membros dos numerosos grupos juvenis — dezassete ao todo! — que, de vários modos e com múltiplas iniciativas, procuram aprofundar juntos as exigências da fé cristã; uma saudação respeitosa e afectuosa aos pais e mães de família que, embora no meio de tantas dificuldades, querem viver em plenitude o mistério cristão do seu matrimónio, e se comprometem, com todos os esforços, a educar cristãmente os filhos. Uma terna saudação aos nossos irmãos doentes, que trazem em si o sinal do sofrimento de Cristo e da Igreja; aos pobres, que têm necessidade do nosso gesto concreto de solidariedade e de amor. Uma saudação paternal às crianças, a nossa autêntica alegria e a nossa serena esperança num futuro melhor.

Mas hoje desejo dirigir uma saudação particular aos catequistas da paróquia, que são 160 ao todo. Devo dar-vos — jovens, Irmãs e pais — dedicados a esta obra tão meritória, o meu aplauso e o de toda a Igreja pelo compromisso generoso que pondes em prática ajudando a juventude no seu itinerário de fé. Repito-vos as palavras que dirigi aos catequistas de todo o mundo na minha recente Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*: "Desejo agradecer-vos em nome de toda a Igreja, também a vós catequistas paroquiais,... que pelo mundo inteiro vos dedicastes à educação religiosa de numerosas gerações. A vossa actividade, muitas vezes humilde e escondida, mas realizada com um zelo inflamado e generoso, é uma forma eminente de apostolado leigo..." (2).

E eis-me de frente a uma comunidade que se preparou para este encontro com o Papa com exemplar seriedade, cuja expressão mais tangível foi a vigília nocturna de oração. É uma comunidade que quer viver intensamente e participar aos outros a própria fé cristã numa articulada união fraterna: a fonte desta união, comunhão e cooperação é o amor infundido em nossos corações pelo próprio Cristo, nosso Senhor e Mestre, como o sublinha hoje, de modo particular, a Liturgia da Palavra.

2. Cristo diz: *Se alguém me ama, guardará as minhas palavras; meu Pai o amará e nós viremos a ele...* (3). *Mesmo no centro* do ensino de Cristo encontra-se *o grande mandamento do amor.*

Este mandamento foi já inscrito na tradição do Antigo Testamento, como o testemunha a primeira leitura de hoje, tirada do livro do Deuteronómio.

Quando o Senhor Jesus responde à pergunta de um dos escribas, refere-se a esta fórmula da Lei divina, revelada na Antiga Aliança:

*Qual é o primeiro de todos os mandamentos?*

*O primeiro é... amarás... o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua mente e com todas as tuas forças.*

*E o segundo é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há nenhum mandamento maior que estes* (4).

3. Aquele interlocutor, evocado por São Marcos, aceitou com reflexão a resposta de Cristo. Aceitou-a com profunda aprovação. É preciso que também nós, neste dia, reflictamos brevemente sobre este "maior dos mandamentos", para o podermos aceitar de novo com plena aprovação e com profunda convicção. Acima de tudo, Cristo difunde *o primado do amor na vida e na vocação do homem.* A maior das vocações do homem é a chamada ao amor. O amor dá também significado definitivo à vida humana. É a condição essencial da dignidade do homem, a prova da nobreza da sua alma. São Paulo dirá que é *o vínculo da perfeição* (5). É a realidade maior na vida do homem, porque o verdadeiro amor *traz consigo a dimensão da eternidade.* É imortal: *a caridade não passa jamais,* lemos na primeira Carta aos Coríntios (6). O homem morre no que diz respeito ao corpo, pois é esse o destino de cada um sobre a terra. Mas esta morte não danifica o amor que se desenvolveu na sua vida. Sem dúvida, ele permanece para dar testemunho a favor do homem, perante Deus que é amor. É ele que determina o lugar do homem no Reino de Deus; na ordem da Comunhão dos Santos. O Senhor Jesus diz ao seu interlocutor do Evangelho de hoje, vendo que ele compreende o primado do amor entre os mandamentos: *Não estás longe do reino de Deus* (7).

4. São dois os mandamentos do amor, como afirma expressamente o Mestre na sua resposta — mas o *amor é um só.* Um e idêntico que abrange *Deus e o próximo.* Deus, sobre todas as coisas, porque Ele está acima de tudo. O próximo, na medida do homem e portanto, "como a si mesmo".

Estes dois amores estão tão intimamente ligados entre si, que um não pode existir sem o outro. Di-lo, noutro passo, São João: *Em verdade, quem não ama a seu irmão, que vê, não pode amar a Deus, que não vê* (8). Portanto, não se pode separar um amor do outro. O verdadeiro amor ao homem, ao próximo, precisamente porque amor verdadeiro, é, ao mesmo tempo, amor a Deus. Isto pode embaraçar alguém. Embaraça certamente. Quando o Senhor Jesus apresenta aos seus ouvintes a visão do juízo final, referida no Evangelho de São Mateus, diz: *Tive fome e destes-me de comer / tive sede e destes-me de beber / era peregrino e destes-me hospedagem / estava nu e vestistes-me / doente e visitastes-me / na prisão e fostes-me ver* (9).

Então os que escutam estas palavras ficam maravilhados, pois vemo-los perguntar: *Senhor, quando é que te fizemos tudo isto?* E a resposta: *Em verdade vos digo que tudo o que fizestes a* um *destes meus irmãos mais pequeninos* — isto é, ao vosso próximo, a qualquer dos homens — *a mim o fizestes* (10).

5. Esta verdade é muito importante para toda a nossa vida e para o nosso comportamento. É particularmente importante para aqueles que procuram amar os homens, mas "não sabem se amam a Deus", ou mesmo declaram não "saber" amá-l'O. É fácil de explicar esta dificuldade quando se toma em consideração toda a natureza do homem, toda a sua psicologia. De certo modo, é mais fácil ao homem amar aquele que vê do que Aquele que não vê (11).

6. E, no entanto, o homem é chamado — e chamado com grande firmeza, como o testemunham as palavras do Senhor Jesus — ao amor a Deus, ao amor que está *sobre todas as coisas.* Se fizermos uma reflexão sobre este mandamento, sobre o significado das palavras escritas já no Antigo Testamento e repetidas com tanta determinação por Cristo, devemos reconhecer que elas nos dizem muito do próprio homem. Revelam a perspectiva mais profunda e, ao mesmo tempo, definitiva do seu ser, da sua humanidade. Se Cristo prescreve ao homem tal amor como dever — isto é, o amor de Deus que ele, homem, não vê —, quer dizer que o coração humano esconde em si a capacidade para este amor, que o coração humano foi criado "à medida de tal amor". Não será esta a primeira verdade sobre o homem, ou seja que ele é a imagem e a semelhança de Deus? Não fala Santo Agostinho do coração humano que permanece inquieto até que repousa em Deus?

Assim o mandamento do amor a Deus sobre todas as coisas *revela uma gama das possibilidades interiores do homem.* Não se trata de uma gama abstracta. Tem sido reconfirmada, e continua a sê-lo constantemente, por todos os homens que tomam a sério a sua fé e o facto de serem cristãos. Nem sequer faltam homens que tenham confirmado heroicamente esta gama das possibilidades interiores do homem.

7. Na nossa época encontramos uma crítica, não raro radical, da religião, uma *crítica da cristandade.* E então, até este "maior dos mandamentos" se torna vítima da análise destrutiva. Se se poupa e, até geralmente, se aprova o amor ao homem, o amor a Deus é, ao contrário e por vários motivos, refutado. O mais frequente é fazê-lo como expressão ateia da visão do mundo.

No contacto com esta crítica, que é apresentada de várias formas — quer de forma sistemática, quer circulante — é necessário ponderar ao menos as suas consequências no próprio homem. De facto, se Cristo, mediante o seu maior mandamento, revelou a inteira escala das possibilidades interiores do homem, então devemos responder no nosso íntimo à pergunta: recusando este mandamento não estamos a diminuir o homem?

Neste momento basta que eu me limite a fazer apenas esta pergunta.

8. O que quero desejar-vos, neste encontro com a vossa Paróquia, exprime-se sobretudo no fervoroso desejo de que o grande mandamento do Evangelho seja *o princípio da vida* de cada um de vós e de toda a vossa Comunidade. É exactamente este mandamento que dá o verdadeiro sentido à vossa vida. Vale a pena viver e fazer esforços todos os dias em seu nome. À sua luz até a sorte mais adversa — o sofrimento, a invalidez física e a própria morte — adquire valor. Disto nos falam, de modo esplêndido, as palavras do salmo, na liturgia de hoje: *Amo-vos, Senhor, minha força, / Senhor, minha rocha, meu baluarte, / meu libertador; / Deus meu, meu rochedo, em que me refugio...* (12).

Desejo, portanto, que em todos e cada um de vós se cumpram as palavras de Cristo: *Se alguém me ama, guardará as minhas palavras; meu Pai o amará e nós viremos a ele e faremos nele a nossa habitação* (13).

---

1) *Rom.* 1, 7.
2) *Catechesi Tradendae*, 66.
3) *Jo.* 14, 23.
4) *Mc.* 12, 29-31.
5) *Col.* 3, 14.
6) *1 Cor.* 13, 8.
7) *Mc.* 12, 34.
8) *1 Jo.* 4, 20.
9) *Mt.* 25, 35-36.
10) Cfr. *Mt.* 25, 37.40.
11) Cfr. *1 Jo.* 4, 20.
12) *Sl.* 17 (18), 1-3.
13) *Jo.* 14, 23.

Fundação Cuidar o Futuro

# O problema mais grave e mais urgente é a luta contra a fome

• Continuação da primeira página

tor que a rápida e profunda mudança sócio-cultural do nosso tempo atinge de maneira particularmente dolorosa, descobrindo as injustiças herdadas do passado, agitando homens, famílias e sociedades, acumulando as frustrações e impondo migrações muitas vezes em massa e caóticas.

Segundo o preâmbulo do vosso acto constitutivo, a finalidade, que é libertar a família humana da fome, comporta o compromisso de os Estados membros levantarem o nível de alimentação e melhorarem a situação das populações rurais aumentando o rendimento das culturas e garantindo a eficácia da redistribuição.

3. Mas desejaria fazer também notar que, segundo o mesmo preâmbulo, a FAO tende assim a "contribuir, pela sua acção característica e colectiva, para a expansão da economia mundial e para o bem-estar geral".

Está portanto em perfeita harmonia com as Nações Unidas, no plano de conjunto e nas linhas fundamentais da política de desenvolvimento e de cooperação internacional, segundo as quais se realiza o serviço do homem, sobre a base dos grandes princípios que recordei longamente a 2 de Outubro último, diante da Organização das Nações Unidas.

Aqui também agora, encontramo-nos "em nome do homem tomado na sua integridade, na plenitude e na riqueza multiforme da sua existência espiritual e material" (1).

## I

4. É com particular satisfação que venho estabelecer este contacto directo com a FAO. Aceitei o convite para falar diante da 20ª Conferência geral, neste ano que assinala o 30º aniversário da decisão, tomada a 28 de Novembro de 1949, de transferir a FAO da sua sede provisória de Washington para esta definitiva de Roma, decisão que teve efeito em 1951.

Assim se realizava o que foi considerado como "regresso às origens romanas" da vossa Organização. Esta foi, com efeito, dalgum modo precedida pelo Instituto internacional da agricultura, fundado em 1905 sob a inspiração de David Lubin, e em seguida absorvido pela FAO. Desde essa época, Roma tornou-se um dos centros da agricultura mundial, e encontra hoje nova importância neste campo, em especial a seguir às decisões da Conferência mundial das Nações Unidas sobre a alimentação, tomadas no mês de Novembro de 1974.

5. Há em seguida uma tradição de relações diplomáticas especiais entre a Santa Sé e a FAO. Esta é a primeira Organização intergovernamental com que a Santa Sé estabeleceu relações regulares, inauguradas graças à acção previdente daquele que era então Monsenhor Montini, Substituto da Secretaria de Estado. Com efeito, o voto unânime da quarta sessão da Conferência da FAO concedeu à Santa Sé, a 23 de Novembro de 1968, este "estatuto de Observador permanente, único no seu género, que lhe garante o direito, não só de participar nas Conferências da Organização, mas também nos outros campos da sua actividade e de neles tomar a palavra pedindo-a, embora sem ter direito de voto". Tal situação corresponde perfeitamente à natureza da missão religiosa e moral da Igreja.

Assim começou a colaborar a Santa Sé com a vossa Organização, actividade de que Monsenhor Montini se comprazia então em realçar satisfeito os princípios morais e humanitários elevados, que a inspiravam (2).

Todos os trabalhos e todos os programas da FAO mostram, de facto, com evidência que toda a actividade técnica e económica, como cada opção política, implicam, em última análise, um problema de moral e de justiça.

A visita feita à vossa sede pelo Papa Paulo VI a 16 de Novembro de 1970, por ocasião do 25º aniversário da instituição da FAO, foi testemunho brilhante prestado ao progresso crescente dessas relações de confiança.

6. A estes considerandos vem juntar-se outro motivo: é com prazer que vejo na FAO um esforço para se chegar a realizar concretamente, no campo da alimentação e da agricultura, um aspecto do programa de desenvolvimento mundial, económico e social. Tal programa contribui certamente para se promover a paz, ajudando a vencer tensões profundas e dando efectivamente satisfação às reivindicações primeiras dos povos, reivindicações ligadas aos direitos inalienáveis do homem.

Deste ponto de vista, a vossa Organização especializada refere-se mais directamente aos direitos económicos e sociais reconhecidos na Declaração universal dos direitos do homem, que em seguida foram formulados de maneira mais precisa e obrigatória no Pacto internacional sobre os direitos económicos, sociais e culturais.

Mas o aperfeiçoamento da pessoa supõe, como já Pio XII o dizia na radiomensagem do Natal do ano de 1942, a realização concreta das condições sociais que formam o bem comum de cada comunidade política nacional, como do conjunto da comunidade internacional. Tal desenvolvimento colectivo, orgânico e contínuo, é o pressuposto indispensável para assegurar o exercício concreto dos direitos do homem, tanto dos que têm conteúdo económico como dos que dizem directamente respeito aos valores espirituais. Tal desenvolvimento requer todavia, para constituir a expressão duma verdadeira unidade humana, ser obtido apelando para a participação livre e para a responsabilidade de todos, no campo público como no campo privado, no nível interior como no nível internacional.

Deste ponto de vista, aparece a FAO como expressão concreta da vontade de passar do plano das declarações de princípio para o da acção e das realizações efectivas, apelando para a participação livre e activa de todos os Estados membros. Devem-se fazer votos por que a vontade política de cada um dos Estados assegure à FAO, para bem da acção comum, um concurso que não consista somente em manter princípios e operações de desenvolvimento interior que tenha pedido cada governo, sem se contentar também com harmonizar interesses nacionalistas fechados sobre si mesmos. A acção comum, que se realiza dentro da FAO, requer uma disponibilidade cada vez mais pronta para assumir compromissos verdadeiramente contínuos, graças aos quais cada um participe na acção decidida de comum acordo.

## II

7. No decorrer da sua história, a FAO adquiriu estrutura cada vez mais vasta e mais adaptada, segundo mostram os seus diversos programas actuais e os documentos apresentados agora à vossa Conferência. Vós ides ter, na verdade, não só de fazer o balanço das acções levadas a termo nos últimos dois anos, mas também de fixar os objectivos que hão-de atingir-se nos anos próximos e de fazer as escolhas políticas que são necessárias para isso. O ano 2000 está de facto no horizonte das vossas perspectivas, com os problemas específicos que se apresentam à agricultura, para ela conseguir enfrentar as necessidades previsíveis: aumento acelerado da produção, necessidade da regulamentação das permutas e assistência exterior aos países que dela precisam para assegurarem a distribuição económica. Trata-se pois de tomar os meios para assegurar a todos este futuro melhor, em que os direitos fundamentais de cada um sejam respeitados. Neste sentido, a vossa Conferência geral de agora pode oferecer contributo importante, no que se refere ao campo da vossa Organização, à definição dos objectivos urgentes e dos critérios renovados, que deveriam permitir executar a nova estratégia internacional para o desenvolvimento durante o terceiro decénio das Nações Unidas, que se abre com o ano 80 e imediatamente seguintes.

## III

8. Mas o mundo não se contentará com especulações teóricas. A luta contra a fome apresenta, de dia para dia, aspecto cada vez mais nítido e exige realizações concretas por parte dos Estados-membros e da Organização no conjunto. Esta luta também não se contentará, aliás, com apelos aos sentimentos, com lufadas esporádicas e ineficazes de indignação: constitui honra, e vontade digna de louvor, da vossa Organização procurar com perseverança definir os meios melhores e os métodos aptos, para as condições concretas de cada país, e prever-lhes com prudência as aplicações.

Terminou, de facto, o tempo das ilusões, quando se julgava resolver

automaticamente os problemas do subdesenvolvimento e das diferenças de crescimento entre os diversos países, exportando os modelos industriais e as ideologias dos países desenvolvidos.

Terminou o tempo em que se procurava garantir o direito de todos à alimentação, com programas de auxílio realizados por meio da dádiva de excedentes ou com programas de socorro de urgência em casos excepcionais.

A vossa Organização orienta-se para uma política em que o esforço de cada país, no sentido do seu próprio desenvolvimento, toma o primeiro lugar. Isto inclui, certamente, uma exigência: para que receba cada um dos que precisam, sem lesão da sua dignidade, o auxílio internacional e os investimentos convenientes, mas conservando a verificação dos elementos necessários para dar à agricultura o seu dinamismo próprio no desenvolvimento do país, é preciso cada vez mais ultrapassar as relações puramente bilaterais chegando a um sistema multilateral.

Outro reajustamento dos critérios e dos modelos de desenvolvimento — que a circunstância da crise económica actual torna ainda mais necessário para os países pobres, como aliás para os mais desenvolvidos — é o que tem em vista satisfazer as necessidades humanas reais, as que são verdadeiramente fundamentais. São estas necessidades que devem dinamizar e orientar a economia, e não as necessidades artificiais, em parte provocadas e sempre aumentadas pela publicidade, pelo jogo do mercado e pelas posições de força, adquiridas nos campos económico, financeiro e político. Importa prever e combater as perigosas consequências, sobre o homem, de certas soluções técnicas e económicas, favorecer activamente a participação livre e responsável do mesmo nas opções e nas realizações tentadas para o crescimento orgânico e programado das condições gerais da sua própria comunidade.

A experiência contemporânea leva-nos a reconhecer que o crescimento ordenado e contínuo de cada país, como a garantia efectiva do exercício dos direitos humanos fundamentais dos indivíduos e dos povos, reclamam necessariamente o desenvolvimento global e orgânico mundial. E faço notar com interesse que, neste campo, os diversos programas de cooperação técnica e assistência lançados pela vossa Organização e a promoção dum acordo internacional para assegurar as reservas cerealíferas indispensáveis, contribuem pouco a pouco para uma transformação da economia mundial.

10. Todavia, entre todos os problemas que solicitam a vossa atenção e a do mundo, o mais grave e mais urgente é o da fome. Milhões de pessoas estão ameaçadas na sua mesma existência; muitas morrem cada dia, porque não têm o mínimo de alimentação necessária. E, por desgraça, é bem preciso reconhecer como a experiência actual o mostra ainda cruelmente, que a fome no mundo não provém sempre e unicamente de circunstâncias geográficas, climáticas ou agrícolas desfavoráveis — aquelas que vós procurais remediar pouco a pouco; provém ainda do homem mesmo, das deficiências da organização social, que impedem a iniciativa pessoal; isto é, provém do terror e da opressão de sistemas ideológicos e práticos, desumanos.

A busca do desenvolvimento mundial orgânico, por todos desejado, pede, por conseguinte, que o conhecimento objectivo das situações humanas de miséria tome o seu lugar na formação dos indivíduos e dos grupos, no sentido da liberdade autêntica e no da responsabilidade pessoal e colectiva.

11. As perspectivas da formação humana total ultrapassam certamente as que são próprias da vossa Organização. Sei contudo que vós não sois indiferentes a tal coisa. Vós favorecei-las, pela vossa parte, esforçando-vos por diversificar os vossos modelos técnicos de assistência e desenvolvimento, e por modelá-los em função das condições particulares não só físicas mas sócio-culturais de cada país, tendo assim em conta valores propriamente humanos, e portanto também espirituais, dos povos.

Entre estes, as concepções religiosas têm o seu lugar. Exprimem uma visão do homem, das suas verdadeiras necessidades, do sentido último das suas actividades: *o homem não vive só de pão* (3), ensina-nos o Evangelho. Reconhecemos por isso que o desenvolvimento técnico, por mais necessário que seja, não é tudo no homem, e deve integrar-se numa síntese mais vasta, plenamente humana. É assim que as realidades propriamente espirituais se impõem à vossa atenção. É neste campo também que a Igreja que sempre animou os vossos esforços e participa eficazmente, por seu lado, no desenvolvimento harmonioso do homem, quer encontrar-se com os vossos esforços e colaborar convosco para o bem da humanidade.

12. O trabalho, que é preciso realizar, é imenso, e ninguém deve desanimar quando a finalidade em vista parece às vezes afastar-se, à medida mesma dos esforços tentados para a atingir. Neste momento da história mundial, alegro-me de ver a FAO orientar toda a sua actividade, no seu domínio, que é essencial para promover a cooperação internacional, para o desenvolvimento. E nós esperamos todos que este desenvolvimento passará do nível técnico e económico para o progresso pessoal e social do homem.

Isto não se pode fazer se o homem, a sua dignidade e os seus direitos, não são, desde a partida, o critério activo inspirador e orientador de todos os esforços. Para vencer as inércias e os desânimos e para criar

as condições susceptíveis para renovar o pensamento e manter a acção, não percais nunca de vista que nisso entra o homem, o homem concreto, o homem que sofre, o homem que em si esconde possibilidades imensas que é preciso libertar.

13. Acrescento que a soma dos esforços que projectais, empreendeis ou animais — para que a terra seja "cultivada" do melhor modo, para que as suas riquezas produtivas, terrestres ou marítimas, sejam conservadas e nunca desperdiçadas, e melhor ainda para que elas frutifiquem, multiplicando as suas potencialidades sem destruir imprudentemente o equilíbrio natural que serviu de berço à vida do homem, numa palavra, para que a natureza, ao mesmo tempo respeitada e enobrecida, atinja o seu melhor rendimento em serviço do homem — tudo isto obedece, em certo sentido, ao desígnio de Deus sobre a criação, que o texto inspirado do Génesis nos descreve de maneira arcaica mas sugestiva: *Deus criou o o homem à Sua imagem, criou o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher... Enchei e dominai a terra... O Senhor levou o homem e colocou-o no jardim do Éden para o cultivar e também para o guardar* (4). Sim, a terra pertence aos homens, a todos os homens, sem esquecer as gerações que nos hão-de suceder amanhã e devem recebê-la das nossas mãos, habitável e frutuosa. Porque ela pertence primeiro a Deus, Criador, Senhor Soberano e fonte da vida, que dela fez dádiva aos homens e a eles a confiou como bons administradores. É em harmonia com o desígnio de Deus que vós sois chamados a trabalhar.

Este é o voto que formulo para vosso bem, na qualidade de Pastor da Igreja universal. E é neste espírito que peço ao Senhor Todo-Poderoso abençoe os esforços que fazeis, para servir a família humana, e abençoe as vossas pessoas e todos os que vos são queridos.

---

1) JOÃO PAULO II, Discurso às *Nações Unidas*, n. 5.
2) Cfr. Mons. J. B. MONTINI, Carta de 16.9.1948, a M. Norris E. Dodd, Director-Geral da FAO.
3) *Mt.* 4, 4.
4) *Gén.* 1, 27-28; 2, 15.

## Aos Empregados da FAO

# A vossa confiança no homem e na sociedade

*Dirigindo-se aos Empregados da FAO, o Santo Padre pronunciou o seguinte discurso:*

Senhoras e Senhores, caros amigos

É para mim verdadeira alegria deter-me convosco, funcionários e empregados de várias categorias e graus, provenientes de diversas Nações do Mundo, que em contacto de sincera colaboração e atmosfera familiar, prestais, sob a orientação do exímio Director-Geral, um serviço digno de estima e de respeito, em proveito desta Organização para a Alimentação e a Agricultura.

Tenho bem consciência da importância do trabalho que realizais com competência e abnegação, como provam a vastidão dos programas e a gravidade dos problemas enfrentados pela FAO, os quais encontram em vós técnicos solícitos, peritos perspicazes e executores dinâmicos, animados por generoso zelo e por vivo espírito de sacrifício.

A Organização, que poderíamos dizer confiada às vossas mãos experimentadas, ao vosso intuito e à vossa longa perícia, é uma das mais beneméritas iniciativas — todos estão de acordo neste ponto — aparecidas no período imediatamente sucessivo ao segundo conflito mundial quase consciente de querer reparar as tantas feridas abertas por aquele tremendo e angustioso acontecimento, e com a intenção, também, de poupar às gerações futuras uma laceração igual ou ainda maior. A subalimentação e a fome de que sofrem ainda demasiados seres humanos constituem, de facto, uma das ameaças mais graves para a paz; e em relação a este problema, a FAO contribuiu de maneira determinante para que o mundo inteiro tomasse consciência dele.

Por outro lado, a solução do problema da fome está condicionada pela solução do problema mais vasto e difícil do desenvolvimento dos povos que se encontram em condições de necessidade. O compromisso a este propósito torna-se educativo: trata-se de tornar conscientes todos os homens, da necessidade de criar, nos países actualmente menos favorecidos, aquelas condições técnicas e económicas que lhes assegurem a possibilidade de prover por si mesmos às próprias necessidades. Só esta meta assegura uma solução definitiva ao problema da fome e da miséria no mundo.

Como podeis verificar, para além destas exigências materiais que angustiam a humanidade, apresenta-se o compromisso moral de tornar cada homem responsável relativamente ao próprio irmão e à salvaguarda da sua dignidade que constitui um valor inalienável, espiritual e evangélico, que não pode ser ignorado sem grave ofensa ao Criador e a nós mesmos.

Não posso deter-me a analisar os valores morais que fostes chamados a manter e a defender mediante uma acção que só na aparência se apresenta como sendo de exclusivo carácter técnico, financeiro e económico. A vossa actividade incide muito mais profundamente e tem uma ressonância bastante mais vasta. Estou certo que, quando vos propusestes desenvolver o vosso trabalho nesta Organização — tanto no campo do estudo e da investigação como no administrativo e executivo — o fizestes sobretudo na convicção de contribuir, mediante a vossa fadiga, às vezes escondida e desconhecida, para a salvaguarda daqueles valores objectivos que constituem o sentido mais profundo da Organização para a Alimentação e a Agricultura. Valores e objectivos da defesa e da promoção da dignidade humana, que a Igreja, em conformidade com a sua missão, não deixa de submeter à comum consideração, encontrando, na mensagem de que é depositária, a inspiração para trabalhar em favor da fraternidade, da justiça e da satisfação das necessidades fundamentais da vida.

Intimamente sensível a estas perspectivas, louvo e admiro o vosso trabalho, que se destina a assegurar a todos os homens uma vida digna e feliz. Talvez não seja possível, em cada momento da vossa jornada, ter a percepção lúcida e exacta de desempenhardes um papel tão importante, todavia na vossa reflexão pessoal devereis frequentemente encontrar conforto na certeza — que neste momento desejo confirmar e corroborar — de satisfazerdes um mandato de altíssimo valor humano e social.

Quereria ainda dizer-vos uma palavra de paterno encorajamento. As provas e os riscos, que a humanidade deverá enfrentar no plano da alimentação no futuro próximo, terão um peso e uma importância que neste momento é difícil determinar em medida exacta; todavia, o seu imenso alcance pode, à primeira vista, induzir a algum desânimo. Não deixeis, por conseguinte, que vos entre no coração a tentação do desalento, da indiferença e do desamor. Tanto maior será a vossa generosidade, a vossa fé, quanto mais perto estiverem a oportuna solução e o consequente resultado positivo. Tal fé exige que se recuse admitir um determinismo fatalista na evolução económica do mundo e que se creia firmemente no bom êxito de uma acção coordenada e sobretudo sugerida por compreensão fraterna e por vontade de auxílio mútuo.

Vós — estou certo disso — possuís esta fé. Vós tendes confiança no homem, na sociedade e na possibilidade de utilizar e distribuir racionalmente os imensos recursos que o Criador colocou à disposição do homem. Exorto-vos a prosseguirdes e a intensificardes os vossos esforços, com todo o peso da vossa preparação científica e especialmente com todo o ímpeto do vosso coração, com toda a amplidão do vosso amor, para assegurar à família humana o necessário bem-estar fundamental, e a vós próprios a alegria de participardes de modo responsável no desenvolvimento de uma altíssima missão.

Agradeço-vos de coração o vosso acolhimento e, enquanto vos repito a minha satisfação por este encontro, com votos de todo o verdadeiro bem invoco sobre vós, sobre as vossas famílias e sobre o vosso trabalho, pelo bom êxito da Organização para a Alimentação e a Agricultura, as mais abundantes bênçãos do céu.

## Aos Participantes num Congresso Internacional

# Evangelização e catequese na Pastoral do turismo

*O Santo Padre recebeu na manhã do dia 10 do corrente os 120 participantes no II Congresso mundial sobre a pastoral do turismo, promovido pela Pontifícia Comissão respectiva. Os trabalhos decorreram a partir do dia 6.*

*Na audiência, esteve presente com este grupo o Cardeal Sebastiano Baggio, Presidente da Pontifícia Comissão para a Emigração e o Turismo. Além dos outros membros da direcção, tinham comparecido numerosos Bispos. Encontravam-se também na sala 120 peregrinos da Arquidiocese de Rennes com o seu Prelado, Cardeal Paul Gouyon.*

*Em resposta à saudação do Pró-Presidente da Comissão Pontifícia, D. Emmanuele Clarizio, Sua Santidade pronunciou o seguinte discurso:*

Caros Irmãos no Episcopado
Caros amigos

Obrigado por me terdes tão amavelmente convidado para este encontro. Tenho igualmente o gosto de saudar os observadores chegados das outras comunidades cristãs, que se encontram também a braços com os problemas da mobilidade humana. Gostaria que a minha visita fosse, para todos e cada um de vós, o sinal da importância que o Pastor universal da Igreja atribui à pastoral do turismo. Quer se trate dos que praticam o turismo quer dos que o organizam, todos constituem sempre uma fracção importante do povo cristão e da humanidade. Trata-se, igualmente e cada vez mais, dum momento significativo da vida dos nossos contemporâneos que precisa de evangelização adequada.

Estes dias romanos permitiram-vos sobrevoar muitos "lugares" e muitas categorias de turismo através dos cinco continentes, e permitiram-vos ouvir o relato de experiências interessantes e diversíssimas.

Individualmente e todos juntos, tomastes consciência mais viva da mobilidade actual e das necessidades pastorais que ela apresenta. Por outro lado, expressastes muitas ideias, apresentastes numerosas questões, reunistes um conjunto de votos e resoluções que, no vosso regresso, comunicareis aos vossos colegas e a todos os vossos colaboradores, sacerdotes, religiosos e leigos que se ocupam do turismo.

Permiti-me que vos apresente algumas sugestões pessoais, em sinal de comunhão profunda com as vossas preocupações e de ardente incentivo a que prossigais no vosso bom trabalho.

A extensão do fenómeno da mobilidade humana, e mais precisamente do turismo, é um facto. Em vez de sucumbir a impressão de mal-estar e de impotência por sentirdes — melhor que outros — quanto a humanidade viajante de hoje tende a escapar às redes e ao influxo das instituições tradicionais, civis e religiosas, mantende-vos de pé, com perspicácia, actividade e inventiva. Vós sois a Igreja. A Igreja, que deve aprofundar sem descanso a realidade crescente e continuamente mudável do turismo. Com simpatia e lucidez é preciso ir mais longe no conhecimento dos aspectos económicos, políticos, sociológicos e psico-sociológicos do turismo actual, se quereis participar de maneira racional e competente na promoção dos verdadeiros valores do turismo, e dar autoridade, pouco a pouco na opinião pública, a uma ética do turismo. Porque o turismo é feito para o homem e não o homem para o turismo. A vossa tarefa exige tanto tacto como coragem e perseverança. Mas que felicidade contribuir para libertar este mundo novo do turismo das suas ambiguidades numerosas para lhe dar o seu aspecto humano e cristão!

O mesmo sentistes durante este Congresso: a pastoral do turismo exige cada vez mais — ao lado de boas vontades que continuam a ser um saldo precioso — pessoas devidamente preparadas e formadas para este serviço muito particular da evangelização. Penso, é claro, nos sacerdotes, nos religiosos e nas religiosas; mas penso mais ainda nos leigos cristãos, que até agora não tomaram suficientemente, ou não se atreveram mesmo a tomar o seu lugar num meio que lhes diz primariamente respeito. Quanto a este ponto concreto, desejo que certas universidades católicas se preocupem — antes que seja tarde demais — com dar esta formação apropriada a todos os que têm bons desejos de se comprometer, permanente ou temporariamente, na pastoral do turismo. São esses homens ou essas mulheres que poderão garantir uma presença evangélica e eclesial nos mais altos cargos do turismo, como o das agências de viagens e do pessoal acompanhante. São eles também que poderão empreender actividade nos centros e nas regiões de turismo, junto dos responsáveis locais, do pessoal hoteleiro e dos habitantes locais. Esta formação indispensável e esta acção combinada de todos os responsáveis turísticos são o caminho necessário para despertar e desenvolver no meio turístico uma mentalidade individual e colectiva, feita de respeito, de acolhimento, de hospitalidade, de confiança, de honestidade, de serviço, de intercâmbios profundos e mesmo de realizações comuns. Assim, os que organizam o turismo, os que dele vivem, e os próprios turistas tornar-se-ão aquilo que devem ser, no plano humano primeiramente e, para os que são cristãos, no plano da fé. Para melhor esclarecer o meu pensamento, neste campo da formação e da acção, gostaria que as Conferências episcopais e as Igrejas locais — já tão preocupadas com problemas fundamentais, como a catequese, o recrutamento sacerdotal, a pastoral familiar, os mass media, etc. — colaborassem mais entre si, para atingir todos esses migrantes do turismo, e oferecessem mais gente e maior número de meios práticos, num sector que tanto interessa o homem moderno, em especial os jovens. Não é também a mobilidade humana um lugar de catequese?

Dito isto, permiti-me ainda que vos chame a atenção para um ponto muito delicado. Bem sabeis, a indústria turística é principalmente fenómeno dos países ricos. Se há um turismo razoável, existem igualmente formas de turismo de luxo ou até simplesmente de desperdício, que formam insulto e provocação para dois terços da humanidade, que se debatem com situações económicas de miséria. Sem contar que, nos nossos países ricos, há também pessoas excluídas do turismo ou esmagadas por esta indústria que se desenvolve. Peço-vos que não esqueçais nunca os pobres. A promoção do turismo, por um lado, e a pastoral turística, pelo outro seriam incompletas e iriam desacretitar-se se não incluíssem ao mesmo tempo a educação para uma abertura e para compromissos em favor duma solidariedade mundial verdadeira e com envergadura.

Caros Irmãos e caros amigos, vem-me ao espírito uma passagem do evangelista São Mateus (9, 36): *Contemplando a multidão, (Jesus) encheu-se de compaixão por ela, pois estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor.* Seja este o *leitmotiv* do vosso Congresso. Uns e outros, sois membros do Corpo de Cristo. Sois hoje Cristo que passa no meio das multidões chamando-as à sua dignidade humana, à sua vocação de irmãos na humanidade e de filhos de Deus. Esteja à altura da vossa missão de Igreja a vossa vida de intimidade com o Senhor Jesus. Para que prossigam os vossos esforços pessoais e comunitários, abençoo-vos de todo o coração, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

E agora desejo dirigir uma palavra sincera aos peregrinos da França ocidental, que não conseguiram participar na audiência geral de quarta-feira passada. O turismo moderno comporta incertezas... de que sofrem certamente os responsáveis pela pastoral turística aqui presentes.

Caros peregrinos, tenho alegria de me encontrar convosco e exprimir-vos dois bons votos. Ide sempre buscar às recordações desta peregrinação romana a alegria de pertencerdes mais e mais a Cristo e à sua Igreja. E segundo as vossas possibilidades, oferecei o melhor de vós mesmos à vida das vossas comunidades paroquiais e diocesanas. Abençoo-vos afectuosamente, a vós e a todos os que vos são queridos.

Fundação Cuidar o Futuro

## Visitas «ad limina Apostolorum»

### Dos Bispos da Colômbia

# A Igreja seja fiel ao dever de evangelização

*No dia 29 de Outubro passado, o Santo Padre recebeu um grupo de Bispos da Colômbia em visita "ad limina Apostolorum". Após a saudação de homenagem que lhe foi dirigida pelo Arcebispo de Medellín, João Paulo II pronunciou o seguinte discurso:*

Veneráveis Irmãos no Episcopado

Recebo-vos com profunda alegria, neste encontro colectivo, que me leva a alargar o meu olhar cheio de afecto, até à querida Igreja da Colômbia que vós aqui representais, a qual se fez e faz peregrina espiritual para ver o Sucessor de Pedro, juntamente convosco e com os outros Irmãos Bispos que vos precederam.

Nestes momentos de comunhão, reunidos no nome do Senhor, sentimos também a presença dos vossos sacerdotes, religiosos, religiosas, seminaristas, membros dos movimentos de apostolado e todo o povo fiel, a cujo serviço abnegado e gozoso nos impele o mandato amoroso do divino Mestre.

Com efeito, o amor ao homem, imagem de Deus, é concretização da nossa fé no Senhor, dom que nos une na Igreja, Sacramento Universal de Salvação.

A visão da fé no serviço do homem, de todos os homens, especialmente dos mais necessitados, exige que o exercício da missão absolutamente primordial da evangelização, e juntamente com ela da catequese, "não ceda nada frente a qualquer outra preocupação" (1). A evangelização e a catequese, adequadamente concebidas, constituem o eixo da vossa solicitude pastoral. Como oportunamente o exprime o documento de Puebla, "o serviço aos pobres é a medida privilegiada, ainda que não exclusiva, do nosso seguimento de Cristo. O melhor serviço ao irmão é evangelizá-lo, o que o dispõe a realizar-se como filho de Deus, o liberta das injustiças e o promove integralmente" (2).

A evangelização tem lugar insubstituível na família, pela qual deveis continuar trabalhando com vigor e esperança. Nos lares descobre-se a face de Deus por meio da oração, aquilatam-se os valores do verdadeiro humanismo e cresce a Igreja. Nos alvores deste ano observei: "À família estão ligados os mais profundos problemas humanos... A Igreja quer lembrar que à família estão ligados os valores fundamentais, que não se podem violar sem incalculáveis prejuízos de natureza moral... É necessário defender estes valores fundamentais com tenacidade e com firmeza, porque a violação deles acarreta incalculáveis prejuízos para a sociedade e, em última análise, para o homem... O primeiro desses valores é o da pessoa que se exprime na fidelidade absoluta e recíproca até à morte... A consequência desta afirmação do valor da pessoa, que se exprime na recíproca relação entre marido e esposa, deve ser também o respeito pelo valor pessoal da nova vida, isto é, da criança, desde o primeiro momento da sua concepção. A Igreja não poderá nunca dispensar-se da obrigação de tutelar estes dois valores fundamentais, ligados à vocação da família" (3).

Igualmente conheceis a esperança que deposita a Igreja e que tem o Papa na juventude. Repeti aos vossos jovens aquilo que eu disse na Irlanda: "Creio nos jovens com todo o meu coração e com plena convicção". Assegurai com todos os meios a mais esmerada catequese à meninice e à juventude: catequese integral, fiel ao conteúdo total do evangelho, com linguagem adaptada que não desvirtue o conteúdo do Credo, que não perturbe os espíritos mas forme cristãos firmes no essencial e humildemente felizes na sua fé. Estes são alguns dos pontos a que me referi amplamente na recente Exortação Apostólica sobre a catequese e que ofereço como critério aos que estão comprometidos nesta nobilíssima tarefa que a Igreja lhes recomenda.

Continuai, pois, animando todos os esforços sãos que se realizam no campo da catequese. Sabeis bem como, infelizmente, não faltaram "experiências e publicações equívocas e nocivas para os jovens e para a vida da Igreja" (4). É lamentável verificar que se divulgam de quando em quando, subtraindo-se à vigilância dos Pastores. O Espírito incita-nos a comunicarmos as certezas da nossa fé. Oxalá que também as editoriais e livrarias católicas, fiéis à missão e às exigências que tal denominação comporta, colaborem, na importante medida em que o possam fazer, nesta tarefa.

Responsáveis como sois pelas comunidades que o Senhor vos confia, ajudados por todos os vossos activos colaboradores, em primeiro lugar pelos sacerdotes, conduzi a juventude a Cristo, o único capaz de dar plena resposta às suas aspirações. Como notaram os Bispos na Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, "seja a pastoral juvenil a pastoral da alegria e da esperança, que transmite a mensagem gozosa da salvação num mundo muitas vezes triste, oprimido e desesperado em busca da sua libertação" (5).

Sei muito bem que procurais exercer este ministério evangelizador em contacto estreito com os fiéis e seguindo de perto as circunstâncias concretas ambientais em que se desenrola a sua vida de cristãos. Isso faz-vos testemunhas de não poucas situações penosas, que derivam da falta de formação moral e religiosa, de cultura e de trabalho, e ainda de condições lamentáveis de injustiça, que vão aumentando a distância entre quem possui excessivamente e quem carece do essencial.

Em vista disto, não deixeis de fazer tudo o que vos for possível em favor de uma formação integral das pessoas, prestando toda a atenção que é devida à dimensão social que deve também estar presente no vosso ministério; com essa fina sensibilidade que hoje em dia caracteriza muita gente, sobretudo jovens, desejosos de verem implantado um sistema de relações sociais muito mais justas.

Partindo duma grande finalidade ao Evangelho e com uma clara noção do que é a missão específica da Igreja, sede — com o vosso ensino e as vossas obras, com o conforto dado aos vossos colaboradores — promotores eficazes de autêntica justiça em todos os campos, de acordo com as regras fixadas pela Igreja em todos os seus documentos de doutrina social.

Irmãos bem amados: confortados com a minha palavra e apoio, continuai a vossa missão, e levai a todos os membros das vossas respectivas Igrejas o afecto e a bênção do Papa. E com ela, o desejo de paz, de alegria e de esperança na fidelidade a Cristo, o Salvador.

---

1) *Catechesi Tradendae*, 63.
2) Documento de Puebla, n. 1145.
3) JOÃO PAULO II, Homilia no último dia do ano de 1978, n. 2.
4) *Catechesi Tradendae*, 49.
5) III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, n. 1205.

Fundação Cuidar o Futuro

### Dos Bispos do México

# *A religiosidade do vosso povo é bom auspício à difusão do Evangelho*

*João Paulo II recebeu na tarde de terça-feira 30 de Outubro, um grupo de Bispos do México em visita "ad limina Apostolorum", acompanhados pelo Cardeal José Salazar López, Arcebispo de Guadalajara e Presidente da Conferência Episcopal.*

*Depois de ter escutado uma devota saudação de homenagem, proferida pelo Cardeal, João Paulo II dirigiu a esses Bispos o seguinte discurso:*

Senhor Cardeal,
queridos Irmãos no Episcopado

1. Bem-vindos sejais a este encontro, ponto culminante da vossa visita à sé dos Apóstolos Pedro e Paulo.

Em espírito de fé, empreendestes a vossa peregrinação até Roma, com o vivo desejo de reforçar a vossa comunhão com o Pastor de toda a Igreja, e fazê-lo participante dos vossos êxitos, propósitos e esperanças, assim como das dificuldades e obstáculos no caminho diário do serviço apostólico às vossas comunidades eclesiais.

Obrigado por esta especial alegria que me traz a vossa visita. Sim, porque através dos vossos rostos que bem conheço, das confidências recebidas dos vossos corações de Pastores e, mais imediatamente, através das expressivas e sentidas palavras que acaba de pronunciar em nome de todos, o Presidente da vossa Conferência Episcopal, o Senhor Cardeal -Arcebispo de Guadalajara, tornam-se-me presentes, junto de vós, as imensas multidões dos vossos fiéis — que representam quase metade da Igreja no vosso País — e de todo o querido povo do México, com o qual passei dias inesquecíveis na minha primeira viagem apostólica, que prossegue ocupando na minha memória e no meu coração um lugar muito destacado.

Quereria que a sintonia de sentimentos, que se criou naquelas minhas jornadas mexicanas, e a abundante semente evangélica depositada dessem o seu melhor fruto e realização num crescente aprofundamento da fé e da vida cristã na vossa Pátria.

2. Tudo isto requer de vós, ajudados por quantos colaboram na missão apostólica, uma perseverante e sistemática obra de evangelização a todos os níveis, para que receba cada membro das vossas comunidades a Boa Nova da salvação, desenvolva de modo cada vez mais consciente e pessoal a fé recebida, e chegue à plenitude da vida em Cristo. Tarefa ampla, urgente, mas nobilíssima e meritória, na qual me alegra encontrar o espírito de ajuda mútua que reina entre as vossas Igrejas particulares, com adequadas planificações pastorais a nível regional e com a assistência recíproca entre dioceses, que podem socorrer as mais necessitadas em meios e sobretudo em agentes qualificados de evangelização.

Vós, que vindes de terras que ligaram estreitamente o seu nome com tão valiosos documentos sobre a evangelização, não necessitais que me alongue muito sobre este ponto, no qual vos sei comprometidos com todas as vossas forças e convicção. Permiti-me, contudo, que vos estimule uma vez mais no desempenho dessa grave responsabilidade eclesial, para que a Igreja cumpra fielmente a sua missão, e desejando ser sempre "boa mãe, cuide das almas em todas as necessidades, anunciando o Evangelho, administrando os Sacramentos, salvaguardando a vida das famílias mediante o sacramento do Matrimónio, reunindo a todos na comunidade eucarística por meio do Santo Sacramento do altar, acompanhando-os amorosamente desde o berço até à entrada na eternidade" (1).

3. Como ponto de partida que vos facilitará muito o vosso trabalho, podeis contar com a profunda religiosidade do vosso povo, que de tantas formas a evidencia. Ele, apesar das lacunas que apresenta, oferece um campo bem disposto à recepção do Evangelho que há que saber valorizar e aproveitar com oportuna disponibilidade.

Naqueles casos em que a fé cristã se apresenta misturada com formas menos perfeitas de religiosidade popular, impõe-se um prudente critério pastoral, para não apagar a fé mais ou menos autêntica, mas — partindo dela — purificá-la, robustecê-la e inte-

grá-la gradualmente na vivência consciente do mistério integral de Cristo.

4. Lugar de particular importância ocupa, entre os vossos fiéis, a devoção à Virgem Maria, que de Guadalupe — verdadeiro "Santuário do povo do México" — e também de Zapopán e de tantos outros lugares tão queridos à alma do México mariano, acompanha os seus filhos no peregrinar da fé. A vossa história mostra-vos que papel tão primordial teve e tem a figura de Maria na vida cristã do vosso povo.

Cultivai, por isso, com todo o mimo essa faceta religiosa dos vossos fiéis que sentem e vivem a devoção a Maria Santíssima como algo que pertence à sua identidade própria. Seja Ela que — sendo perfeitamente compreendido o seu lugar na economia da graça, e incutindo o seu exemplo de perfeita cristã — conduza os vossos fiéis pelo caminho dos verdadeiros discípulos de Jesus, o Salvador. E sejam os seus santuários, mediante uma pastoral bem orientada e cuidada, "lugares privilegiados para o encontro de uma fé cada vez mais purificada" (2).

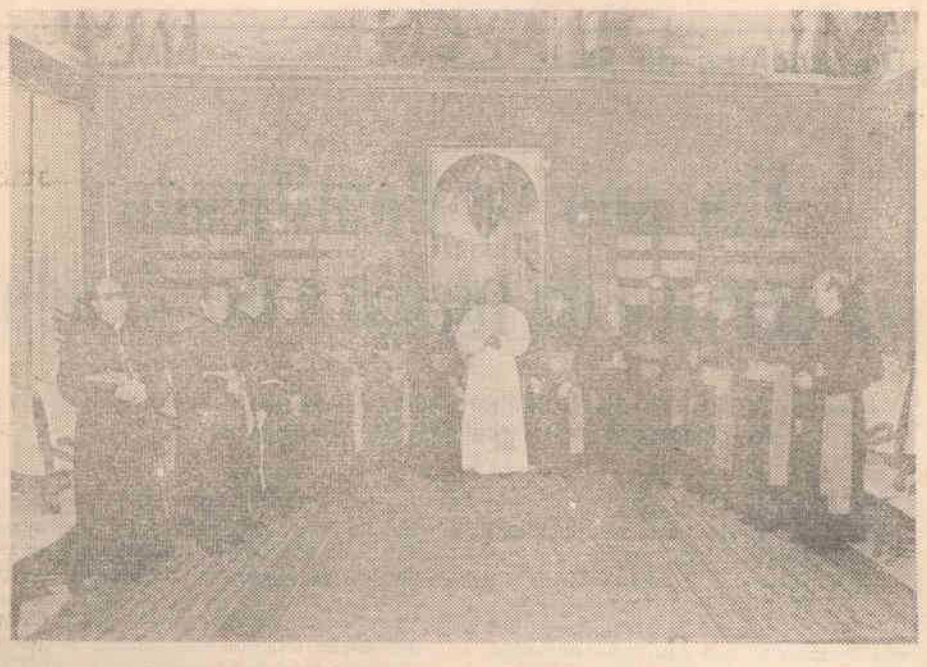
5. Uma das notas mais características do vosso ambiente eclesial é a juventude da população, não chegando 60 por cento aos 20 anos. Este facto constitui para vós um verdadeiro desafio que a Igreja não pode perder. Esses jovens de hoje são a Igreja e a sociedade de amanhã, são o seu futuro, a sua esperança. É preciso saber conduzi-los a Cristo apresentando-O como o único ideal grande que pode saciar as suas inquietações, os seus desejos de liberdade, de justiça, de autenticidade e de transformação dos corações com eles, de uma sociedade tantas vezes injusta e doente. Só assim, com ideias nobres na sua mente e vivências generosas nos corações, poderão os jovens superar os vazios existenciais que estão na raiz dos tristes fenómenos de violência, de droga e sexo, ou de extravios para ideologias que afinal se encontram em contradição com os ideais dignos por que julgava lutar.

6. A causa de uma profunda educação moral das consciências — sobretudo nos ambientes da paróquia, da família, dos centros de formação — não podem dissociar-se de uma oportuna educação social, em que a Igreja insistiu com tanta frequência nos documentos dedicados a este tema, e que formam parte importante do seu ensinamento.

Ao longo da história da vossa comunidade eclesial não faltaram exemplos e figuras que, partindo das indicações da doutrina social dos Papas, especialmente desde Leão XIII, deram prova — mesmo no meio de difíceis circunstâncias externas — de fecunda inserção no campo social e associativo, defendendo as justas reivindicações dos sectores necessitados, de operários e camponeses, numa linha de verdadeiro humanismo e de inspiração nos princípios cristãos. Obra que vai continuando, que deve prosseguir, com força e empenho renovado, sob o impulso do Episcopado. Oxalá todos os que trabalham em tal campo — sacerdotes, religiosos e leigos católicos — se adaptem a estes critérios, para que o seu esforço seja fecundo e eclesial, sem criar exageros, tensões ou rupturas prejudiciais.

Neste terreno não quero deixar de recomendar o especial cuidado por um sector particular da vossa grei: as comunidades de índios. Recordo com afecto o meu encontro de Cuilapán com alguns grupos aborígenes e remeto-vos a quanto ali disse.

7. Queridos Irmãos. Outros pontos mereceriam a nossa atenção, mas



não posso alongar mais este encontro, a eles me referirei ao receber os outros membros do Episcopado mexicano.

Continuai com renovado brio e entusiasmo a vossa missão de Mestres, Pastores e Pais. Mantende, entre vós e também com a Conferência Episcopal, uma estreita união no desempenho das vossas responsabilidades pessoais e colectivas, para a edificação na fé das vossas Igrejas.

A todos e a cada um dos membros das mesmas, dos grupos que encontrei nos diversos momentos da minha peregrinação ao México, a quantos não puderam ver-me por doença ou por outros motivos, faço chegar o meu pensamento cheio de afecto e os meus braços para os abençoar.

Concluo com um profundo desejo que se torna oração: Seja a doce Senhora do Tepeyac, a Mãe de Guadalupe — a cujo Santuário o Papa continua a ir espiritualmente em peregrinação e cuja imagem conserva muito presente — aquela que indique a todos: "ide a Jesus", caminho, verdade e vida. Assim seja.

---

1) JOÃO PAULO II, Homilia na Basílica de Guadalupe, 27 de Janeiro de 1979.

2) Homilia no Santuário de Zapopán, 30 de Janeiro de 1979.

---

**Reflexões litúrgico-pastorais**
**para a festa da Imaculada Conceição - 8 de Dezembro**

# "Cheia de graça"

Leituras:
*Gén.* 3, 9-15.20
*Ef.* 1, 3-6.11-12
*Lc.* 1, 26-38

A Igreja, ao celebrar hoje a imaculada conceição de Maria, não se limita a exteriorizar a sua piedade para com Nossa Senhora. Implicitamente proclama o plano salvador de Deus, do qual beneficiamos todos nós. Sendo festa de Maria, é festa da Igreja à qual Ela também pertence.

Dentro destes sentimentos, o *cântico de entrada* põe-nos a uníssono com a alegria profunda que Maria experimentou ao ver-se "cheia de graça". Cantando a felicidade e a glória de Nossa Senhora, a comunidade cristã aspira à amizade de Deus, à santidade.

O texto da *oração* reflecte os fundamentos doutrinais que estão na base desta festa. Mas não nos podemos contentar com essa evocação teológica. Partindo dela, pedimos ao Pai que, por intercessão de Nossa Senhora, nos purifique constantemente e nos encha da Sua vida até chegarmos à Sua presença. Como Maria foi cheia de graça, também nós aspiramos a viver na graça de Deus.

Dentro do espírito da festa, a liturgia da Palavra celebra Maria, a predilecta de Deus, e celebra também o plano salvador de Deus Pai e a riqueza da acção redentora de Cristo. Ao mesmo tempo, anuncia a vida nova e a felicidade dos cristãos.

Quando ouvimos na *1ª leitura* a sentença proferida por Deus contra a serpente — "estabelecerei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela..." — pensamos em Maria e em Seu Filho. Nessa declaração divina se encontra o privilégio da conceição imaculada de Nossa Senhora, na perspectiva do acontecimento maravilhoso que celebraremos no Natal: "Deus enviou o Seu Filho nascido duma Mulher" para resgatar os homens e torná-los Seus filhos adoptivos. Mas ao ouvirmos essas palavras, pensamos também em nós que, apesar de pertencermos a Cristo e de termos sido remidos por Ele, continuamos a ser atacados pelo tentador. Na medida em que nos mantivermos unidos a Cristo, também nós "esmagaremos a cabeça" do adversário.

O salmo 97, no *cântico de meditação*, é a nossa resposta à mensagem desta leitura. Cantamos em honra do Senhor um cântico novo, porque Ele fez maravilhas: a vitória de Deus sobre o mal, as manifestações da misericórdia e a fidelidade do Senhor para com o Seu povo. Entre estas maravilhas, sobressai o Seu plano salvador, e nele aparece Maria, isenta de toda a mancha, a cheia de graça.

A *2ª leitura*, da carta de São Paulo aos Efésios, constitui um hino de acção de graças a Deus Pai, por causa do Seu desígnio salvador realizado em Jesus Cristo. Dentro deste plano, Deus "nos escolheu antes da criação do mundo a fim de sermos, na caridade, santos e irrepreensíveis diante d'Ele... para sermos Seus filhos adoptivos...". Entre todos estes escolhidos, brilha, santa e irrepreensível, a Virgem Nossa Senhora: n'Ela reconhecemos as primícias desta nova criação.

Esta leitura devia suscitar em nós uma resposta, à maneira do *Magnificat*, em que louvássemos o Senhor pelas maravilhas que realizou em Maria e que continua a realizar em nós.

No *evangelho*, com a saudação do Anjo que, da parte de Deus, proclama Maria cheia de graça, encontramos a explicação deste privilégio. Ao escolhê-l'A para ser Mãe de Seu Filho feito homem, Deus não podia permitir que Ela fosse atingida pelo pecado. Como resposta à mensagem transmitida pelo Anjo, Maria declara-se pronta a corresponder fielmente ao plano de Deus.

Todos os dias, nós nos associamos a esta mensagem, saudando a "cheia de graça" e pedindo-lhe que nos assista na vida e na hora da morte. É a maneira mais simples que os cristãos têm de manifestar a sua devoção e confiança em Nossa Senhora. Mas não podemos esquecer que a devoção mais verdadeira será imitá-l'A na fidelidade em aceitar a Palavra do Senhor e em pô-la em prática na nossa vida.

Na *oração sobre as ofertas* rogamos a Deus que, pelo mistério eucarístico, nos livre de toda a culpa. Sempre que celebramos a Eucaristia implicitamente fazemos este pedido. Hoje, ele torna-se mais vivo, ao lembarmo-nos de Maria Imaculada, que foi isenta de toda a mancha, em atenção ao sacrifício de Cristo, que aqui celebramos sacramentalmente.

Na *oração final*, seguindo o mesmo pensamento, pedimos que o Corpo de Jesus Cristo seja para nós remédio que nos cure das feridas do pecado, de que Maria foi preservada, e nos faça participar da Vida que o mesmo Senhor nos trouxe.

---

Finalmente não nos esqueçamos de integrar esta festa no tempo litúrgico do Advento. Celebrando Maria, a cheia de graça, que esperou a redenção da humanidade, recordamos todos os que aspiraram pela vinda do Messias e preparamo-nos para o Natal, compreendendo melhor o papel d'Aquela que "deu ao mundo a Luz eterna, Jesus Cristo nosso Senhor".

P. ROMANO

**Reflexões litúrgico-pastorais**
**para o II Domingo do Advento - 9 de Dezembro**

# O Senhor vem para salvar!

Leituras:
*Bar.* 5, 1-9
*Flp.* 1, 4-6.8-11
*Lc.* 3, 1-6

Fundação Cuidar o Futuro

Depois de, no domingo anterior, termos evocado a Vinda de Jesus em toda a sua amplitude, desde a de Belém até à dos últimos tempos, hoje a liturgia orienta-nos mais para a Sua primeira manifestação, que celebraremos especialmente no Natal. Para esta festa quer a Igreja que nos preparemos com alegria, porque com o nascimento de Jesus chegou a nossa salvação.

O *cântico de entrada* sublinha precisamente que a vinda do Senhor foi o começo da felicidade para todos os povos. Por isso, a Sua Palavra que anuncia a salvação faz despertar a alegria no coração dos homens. Esta antífona, inspirada nas palavras que o profeta dirigia ao "Povo de Sião", deve ser ainda capaz de despertar alegria naqueles que esperam um salvador, sem saberem onde ele se encontra.

O texto da *oração* lembra-nos que existem obstáculos entre nós e o Salvador que vem ao nosso encontro. Assim pedimos a Deus Pai que no meio das nossas actividades não percamos de vista a finalidade da nossa caminhada: esta que nos conduz agora ao Natal e sobretudo a caminhada que, ao longo da vida, nos conduz ao encontro definitivo com Cristo.

A *1ª leitura* é uma mensagem de alegria, porque está a chegar o Salvador. O profeta Baruque dirigia-se aos seus compatriotas exilados em Babilónia. Depois de reconhecer que o exílio e o cativeiro eram fruto das faltas do povo escolhido, o profeta lembra as promessas do Senhor e manifesta a certeza de que elas se realizarão. Neste trecho, recordamos o convite que o profeta dirige a Jerusalém para que deixe o luto e a tristeza e esqueça os dias de aflição, porque Deus se vai manifestar e conduzirá Israel à sua glória. Este convite aplica-se também à Igreja, comunidade do Povo de Deus, porque o Senhor se manifestou e está no meio dela, como Salvador. Teremos consciência disso e manifestamo-lo na nossa alegria?

O *cântico de meditação*, com o salmo 125, põe-nos em sintonia com a mensagem do profeta. Voltar do cativeiro, ser livre, parecia um sonho: por isso riam e cantavam. As maravilhas que o Senhor operou então, hão-de continuar! A alegria do lavrador, ao recolher os frutos, repetir-se-á cada ano... Através destas expressões tão humanas, tiradas da experiência do Povo de Deus, a Igreja quer que os cristãos vivam a felicidade de terem consigo o Salvador. Mesmo nas perseguições e nos momentos difíceis, os cristãos sabem que o Senhor não os abandona. Por isso esperam. A história antiga do Povo de Deus repete-se ainda nos nossos dias.

A *2ª leitura* põe diante de nós a dimensão escatológica do Advento. Ao falar-nos do dia de Jesus Cristo, São Paulo tem em vista o seu dia definitivo, no fim dos tempos, para o qual nos preparamos. Diz ele que nesse dia nos devemos apresentar firmes e irrepreensíveis.

Este conselho do Apóstolo podemos aplicá-lo à nossa preparação, em vista do Natal que se aproxima. Firmes na fé, irrepreensíveis no nosso modo de viver, em conformidade com o programa que Cristo nos trouxe.

O *evangelho* conduz-nos ao deserto, onde João Baptista ensina os homens do seu tempo a receberem o Messias. A Igreja serve-se das palavras e dos exemplos do Precursor não apenas para a preparação desta vinda especial de Jesus, que se dá na celebração do Natal. Ela quer também facilitar o encontro habitual com o Senhor que vem até nós, todos os dias, de maneira muito variada. Citando os oráculos de Isaías, João Baptista repete-nos: preparai o caminho do Senhor, endireitai as veredas, aplanai os obstáculos... Isto é, convida-nos à conversão, como condição para recebermos o Messias Salvador.

Este apelo que a Igreja hoje repete há-de encontrar eco em nós. Só convertidos, poderemos celebrar o Natal, com verdade e sinceridade. Que caminhos há em nós a endireitar, para chegarmos à alegria do encontro com Jesus Salvador?

Na *oração sobre as ofertas*, conscientes da nossa fraqueza e da nossa pobreza espiritual, pedimos ao Senhor que olhe com bondade para os nossos dons simples e humildes, e os transforme em fonte de salvação.

Na *oração final*, voltamos à súplica que fizemos já no domingo anterior. Rogamos a Deus que esta participação na Eucaristia nos ensine a apreciar rectamente os bens deste mundo e a amar as realidades do alto. Como pedíamos na colecta, rogamos agora que os bens e os acontecimentos deste mundo não se tornem obstáculo para nós, na nossa caminhada ao encontro do Senhor. Desse modo nos tornamos mais livres e aptos para apreciar o grande Dom que o Pai nos dá: o Seu próprio Filho Jesus, nosso Salvador.

P. R.

Documentos do Episcopado

# Um ano de Pontificado ao serviço da Igreja e do Mundo

**Homilia de Sua Em.cia o Senhor Cardeal António Ribeiro, Patriarca de Lisboa (Sé Patriarcal, 22 de Outubro de 1979)**

1. Ao passar o primeiro aniversário sobre a data da eleição de Sua Santidade o Papa João Paulo II, estamos reunidos nesta Sé Patriarcal de Lisboa, para festivamente celebrarmos o acontecimento.

Poderão ser diversas as razões e plurais os motivos que aqui nos trouxeram. Descubro, todavia, um que a todos nos irmana e congrega à volta deste altar, ou seja, o propósito de render homenagem pública à pessoa do actual Romano Pontífice. Bastou, com efeito, um ano de exercício do Supremo Pontificado para que João Paulo II se agigantasse aos olhos do mundo inteiro e merecesse a consideração, o respeito e a estima de todos os homens de boa vontade.

## A humanidade do Papa

2. De facto, quem despido de preconceitos olha para o Papa actual não pode ficar indiferente aos traços mais salientes da sua personalidade exemplar. Avultam nela uma extraordinária solidez de pensamento, simultaneamente ancorado na tradição cultural e aberto a novas aquisições do mundo contemporâneo; uma admirável determinação da vontade, que não receia fazer e dizer quanto importa seja dito e feito, mesmo contra as opiniões correntes deformadas e o arrepio da sensibilidade periféricas; uma notória capacidade de acção, capaz de mobilizar as consciências adormecidas e de infundir ânimo nos espíritos corroídos pelo desalento.

Num só ano de Pontificado, João Paulo II prolongou as peregrinações pastorais de seus mais próximos predecessores, dos quais herdara o nome, disposto como eles a testemunhar perante o mundo a vitalidade perene do Evangelho. Foi à Polónia, sua terra natal, para ali confirmar os irmãos na fé e dizer às nações quanto importa respeitar os direitos de Deus, da consciência e da prática religiosa. Foi à República Dominicana e ao México, para de lá proclamar a todos os países da América Latina que a única realização total da humanidade nova só encontra modelo adequado em Jesus Cristo, Salvador. Foi à Irlanda, a ilha dos santos, dos monges e dos missionários, para lhe testemunhar o apreço e a gratidão da Igreja universal, e repetir ao mundo todo que a violência jamais será caminho da paz ou fonte de reconciliação. Foi aos Estados Unidos da América do Norte, uma das nações mais jovens, dinâmicas e poderosas do globo, para ali sublinhar que a técnica, a riqueza, o desenvolvimento e o consumismo podem escravizar e até destruir o homem, se não se abrirem a uma solidariedade universal, dirigida particularmente em favor dos mais pobres e carecidos.

João Paulo II foi, por fim, às Nações Unidas levar a todos os povos da terra uma mensagem de respeito ao homem e à vida, uma mensagem de paz e de fraternidade. Escreve um jornalista que "o Bispo de Roma e de toda a Igreja apresentou-se perante a face das nações para ampliar e erguer o horizonte do homem, para o chamar à esperança, para lhe urgir a solidariedade, para lhe falar de Deus". E o mesmo jornalista conclui assim: "Líder de milhões de crentes entre os líderes de todos os países, (o Papa) compareceu na tribuna mais alta que os homens hoje têm. Outros passam pelo mesmo estrado, em razão da potência que são. O Papa estava ali, de pé, mercê da força moral que representa. E, num momento, fez-nos compreender que nem tudo é poder e domínio, que existe também a grandeza da fraternidade e do serviço".

## A grandeza da fraternidade e do serviço

3. Nesta singular grandeza da fraternidade e do serviço, está certamente o segredo do ministério que envolve a pessoa do Papa e a resposta àquela pergunta que um semanário irlandês colocava em primeira página: "João Paulo II: que espécie de homem é este?".

O Papa avulta pelas dimensões da sua fraternidade. E é vê-lo entre a multidão que lhe estende os braços e à qual ele abre o coração. E é vê-lo a falar aos jovens e a dizer-lhes que "este é um momento maravilhoso na História da Igreja; é um tempo maravilhoso para ser sacerdote, religioso ou missionário de Cristo". É vê-lo erguer ao alto as crianças que dele se aproximam, transmitindo assim aos mais velhos uma esperança firme no mundo de amanhã.

O Papa avulta pela projecção do seu serviço, que é o serviço da Igreja, de Jesus Cristo e da humanidade em geral. Os gestos, as iniciativas e as palavras de João Paulo II evidenciam o propósito de continuar a aplicação integral do Concílio Vaticano II, esse "marco miliário da História bimilenária da Igreja e, em reflexo, da História religiosa e cultural do Mundo". O Papa sabe e afirma que só uma Igreja profundamente unida na sua vida interna, onde o pluralismo das experiências e a diversidade dos dons e funções não sejam motivo de divisão e de conflito, mas antes de crescimento na comunhão e de enriquecimento mútuo, só essa Igreja pode apresentar-se ao mundo como sinal inteligível e eficaz da comunhão dos homens entre si e com Deus, como fermento de justiça e de paz num mundo lacerado e dividido.

O Papa conhece e afirma que a Igreja tem de estar centrada em Cristo, seu único Senhor e Mestre. "A Igreja da nossa época — escreve na encíclica *Redemptor hominis* — deve concentrar-se e reunir-se à volta do mistério de Cristo, haurindo dele a luz e a força indispensáveis à sua própria missão".

Concentrada em Jesus Cristo, a Igreja estará simultaneamente dirigida e aberta para o homem. A Igreja é, por natureza, caminho para Cristo e caminho para o homem, abertura a Cristo e abertura ao homem, serviço de Cristo e serviço do homem. Por isso, João Paulo II afirmava em Varsóvia: "Cristo é a chave de compreensão daquela grande e fundamental realidade que é o homem. Com efeito, sem Cristo não é possível compreender o homem até ao fundo. Não se percebe quem ele é, nem qual a sua verdadeira dignidade, nem a sua vocação, nem o seu destino". Por isso ainda, a Igreja tem de conservar-se livre, diante dos sistemas, das forças e dos poderes do mundo; livre para optar unicamente por Cristo e pelo homem.

## Vigário de Jesus Cristo e Pastor universal

4. É grande a figura do Papa João Paulo II, vista simplesmente à luz natural do mundo. Mas é maior, muito maior, para quem a vê à luz da fé, que vem de Deus.

Os cristãos — ou seja, os que na realidade confiam em Jesus Cristo e aderem à Sua Palavra — descobrem no Papa aquele a quem o Mestre entregou o encargo de ser pedra basilar da construção da Igreja, vínculo de unidade e de comunhão eclesial, fonte de caridade e princípio dinâmico de crescimento (cfr. *Mt.* 16, 18); aquele a quem o Senhor cometeu a missão de confirmar os irmãos na fé (cfr. *Lc.* 22, 23); aquele que pelo mesmo Senhor e Mestre foi constituído Pastor universal de todo o rebanho (cfr. *Jo.* 21, 15-17).

Estas realidades de fé dizem-nos, ao mesmo tempo, que nenhuma pessoa ou grupo é Igreja de Jesus Cristo fora da união ao Papa, Sucessor de Pedro, contra o Magistério autêntico da sua Cátedra de verdade, longe do aprisco de que ele é supremo Pastor na terra.

Motivo de particular relevância têm, pois, os cristãos para prestarem ao Santo Padre a veneração, o afecto e a obediência filial que a fé impõe. Motivos de sobra temos nós, hoje, para dar graças a Deus, na eucaristia que estamos a celebrar, pelo actual Pontífice concedido à Igreja.

Peçamos também ao Senhor que sempre o conforte, proteja e guarde, para benefício da mesma Igreja e do Mundo inteiro.

# As Misericórdias expressão de cristianismo verdadeiro

**Homilia do Senhor Cardeal-Patriarca de Lisboa, na missa inaugural da I Jornada Luso-Brasileira das Misericórdias (Sé Patriarcal, 21 de Outubro de 1979)**

1. Quiseram os participantes na I Jornada Luso-Brasileira das Misericórdias iniciar os seus trabalhos com um acto religioso celebrado nesta Sé Patriarcal de Lisboa. Agradeço-lhes a presença tão numerosa e significativa. Desde a primeira hora, quero saudá-los a todos, brasileiros e portugueses, aqui irmanados no mesmo ideal cristão e na mesma determinação de, cada vez mais, servirem, defenderem e prestigiarem as Misericórdias do Brasil e de Portugal.

Seja-me, porém, consentido envolver particularmente, nesta saudação cordial, os irmãos brasileiros. Os laços históricos que unem a Sé de Lisboa à Igreja no Brasil são garantia segura de que hão-de sentir-se aqui como na própria casa.

Começam estas Jornadas, dentro da velha Catedral lisbonense, cujas pedras, batidas pelos séculos, têm sido testemunhas de tantas e tantas horas altas de epopeia cristã. Entre essas horas, uma das mais gloriosas foi por certo a da instituição da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, paradigma fecundo de todas as demais Misericórdias criadas em Portugal, no Brasil e noutras paragens longínquas, onde o espírito português difundiu a fé católica e deu a conhecer a civilização do Ocidente.

Foi de facto neste templo secular, na capela sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade, que, em 15 de Agosto de 1498, se realizou, com solenidade litúrgica, a cerimónia da fundação da primeira Misericórdia, durante a regência da rainha Dona Leonor, por se encontrar ausente em Espanha o rei D. Manuel. Erecta canonicamente pelo Prelado de Lisboa, D. Martinho da Costa, logo a Santa Casa iniciou os seus passos, como irmandade ou confraria, propondo-se praticar todas as obras de misericórdia, espirituais e corporais, e promover o culto a Deus e à Virgem da Misericórdia.

## O carácter cristão das Misericórdias

2. A Santa Casa de Lisboa e todas as outras suas irmãs foram, pois, constituídas como irmandades ou confrarias. E isto significa que nasceram da Igreja e na Igreja para o serviço evangélico do Mundo. Marcam-lhes a fisionomia, desde a origem, uma estrutura e um sentido verdadeiramente cristãos. Surgiram sob o impulso de uma rainha cristã, numa época de fé intensa e num país que, desde as origens, anda associado à expansão missionária do Evangelho de Jesus Cristo. As Misericórdias só poderiam ter nascido cristãs. Aliás, a sua erecção canónica, os seus compromissos e as suas actividades vieram provar sobejamente, na teoria e na prática, esta segura realidade histórica.

Apesar das vicissitudes dos tempos e dos desvarios dos homens, as Misericórdias, na sua maioria esmagadora, têm sabido manter-se fiéis, através dos séculos, ao carácter essencial de irmandades e confrarias, que desde o começo as enobrece. Uma ou outra surgida de modo diferente não deveria, em rigor, denominar-se Santa Casa da Misericórdia, visto faltar-lhe a característica fundamental que, desde sempre, distinguiu estas beneméritas e famosas instituições.

## A actualidade das Misericórdias

3. Há quem diga que as Misericórdias perderam hoje actualidade e razão de ser. Invocam-se, em favor desta tese, sobretudo três ordens de argumentos, cada uma a mais falaz e enganadora. As Misericórdias estariam agora ultrapassadas, porque continuam a oferecer por caridade o que é devido por justiça, porque invadem o papel do Estado moderno ao qual compete proporcionar a todos os cidadãos os meios necessários e eficazes de assistência e segurança social, porque finalmente contrariam a organização de um serviço nacional de saúde como as circunstâncias actuais exigem.

Seja-me permitido responder brevemente a estas afirmações, susceptíveis de contaminar uma opinião pública desprevenida e mal informada.

Certo é que a palavra caridade sofreu, mesmo entre alguns cristãos, uma notável desvalorização nos últimos tempos. Mais do que de caridade, preferem os homens de hoje falar de justiça e de observância de direitos humanos fundamentais. Nem há nisso mal algum, se o facto significa maior consciência das gritantes necessidades de muitas pessoas e constitui prelúdio de acções concretas que adequadamente lhes respondam.

Urge, todavia, repor a palavra e o conceito cristão de caridade na sua dimensão autêntica primordial. Não é, decerto, caridade cristã dar por esmola o que se deve por justiça, nem oferecer o que sobra para sujeitar quem recebe, nem ir ao encontro dos que precisam para provocar o aplauso dos espectadores. A caridade é amor puro, oferta desinteressada, oblação não egoísta. E esta caridade não existe se lhe falta a justiça ou retarda a sua efectivação.

As Misericórdias, porém, situam-se exactamente aqui. Elas dão e oferecem quando outros o não fazem, não para serem vistas e elogiadas, mas por imperativo do amor fontal que, do coração de Jesus Cristo, passa a cada um dos seus discípulos. E o Filho do Homem — assim dizia o trecho evangélico há instantes proclamado — não veio para ser servido, veio para servir e dar a vida como resgate pela multidão.

Este "dar a vida", este amor puro e oblativo não pode sofrer a corrosão dos tempos. Ele é a alma da justiça, é a garantia do humanismo verdadeiro, é a primeira necessidade de hoje como foi a de ontem, é perene como o Evangelho donde dimana. E o direito de assim fazer caridade pertence à esfera das liberdades essenciais, que ninguém pode suprimir ou coarctar. Disse-o claramente o Papa João Paulo II quando, num recente discurso aos Juristas Católicos Italianos, afirmou: "Num Estado moderno que deseje ser democrático, a liberdade da assistência entra na mais ampla exposição dos direitos do homem, das liberdades civis e da própria liberdade religiosa". Daqui se conclui que impedir os cristãos de dar testemunho da caridade, nos sectores da assistência e da segurança social, é atentar contra as liberdades essenciais, é ferir a própria liberdade religiosa. Mais

Continua na pág. seguinte

Fundação Cuidar o Porto

# Alocução do "Angelus" de Domingo, 11 de Novembro

● Continuação da primeira página

*Das Audiências com os Prelados pude conhecer multiplices factos consoladores e prometedores sobre a vida da Igreja naqueles dois Países. Primeiro que tudo o incremento das vocações sacerdotais e religiosas; a crescente participação nos ministérios eclesiais; uma profunda e segura compreensão — em todo o âmbito da Igreja — da sua identidade: tudo no clima de um vivo despertar de espiritualidade.*

*Entrevejo neste panorama consolador a eficácia do trabalho silencioso, do sacrifício, da consciente dedicação com que os Pastores se consagram ao bem das almas.*

*Garantia suave e segura de uma autenticidade da vida da Igreja, que ao mesmo tempo lança uma perspectiva luminosa sobre o seu futuro, é a devoção à Virgem Santíssima, que anima os Pastores e todo o Povo de Deus. No Uruguai tal devoção segue uma longa tradição, que tem singular ponto de semelhança na fé com que os fundadores da República Oriental do Uruguai recorreram a Maria no Santuário de Florida para obter a sua protecção sobre o próprio compromisso patriótico.*

*No Paraguai o centro da devoção a Maria é constituído pelo Santuário Nacional de Coacupé, intitulado "Virgen de los Milagros".*

*Assista Maria com a sua maternal protecção os filhos daquelas duas Nações.*

*5. Com viva preocupação segui nestes dias o desenrolar-se da grave crise na Bolívia e com profundo pesar tive conhecimento das violentas tensões que semearam graves sofrimentos com numerosos mortos e feridos.*

*Estou junto dos Bispos que, com viva solicitude, se estão a prodigar para afastar o perigo da persistência das lutas fratricidas e para favorecer soluções pacíficas.*

*Quereria confiar às vossas orações esta querida Nação, tão perto do meu coração, com o voto de que as tentativas em acto possam corresponder às profundas aspirações de paz e de progresso do povo boliviano.*

*Confiamos este nosso voto à intercessão da Virgem Santíssima, que naquela terra é invocada com o título de "Virgen de Copacabana".*

---

1) *De Civitate Dei*, 8, 1.

* * *

Depois de rezar a oração mariana e dar a Bênção, o Papa dirigiu a seguinte saudação aos trabalhadores rurais que celebravam o Dia de Acção de Graças promovido pela Federação dos Cultivadores Directos:

*1. Como já sabeis, por iniciativa da Federação dos Cultivadores Directos celebra-se hoje na Itália o Dia de Acção de Graças.*

*O meu pensamento dirige-se para todos os cultivadores, para a boa gente do campo, à qual tenho o gosto de me unir para elevarmos juntos a oração de agradecimento a Deus, que também este ano nos concedeu abundância de frutos, e para implorar a sua assistência.*

*Caríssimos cultivadores, o meu coração está junto de vós, porque estais junto de Deus, tendo a possibilidade de O sentir no contacto imediato com a natureza, vestígio evidente de Deus, a qual mais facilmente dispõe a alma para o colóquio com Ele.*

*O Senhor vos abençoe, as vossas famílias e o vosso trabalho.*

Entre os fiéis presentes, encontravam-se também mais de 900 participantes no Congresso nacional (italiano) da União dos Veteranos Desportistas, congresso organizado por ocasião do vigésimo quinto aniversário da fundação da Associação. A este grupo, acompanhado pelo Presidente, Senhor Edoardo Mangiarotti, João Paulo II dirigiu as seguintes palavras:

*2. Dirijo, em seguida, uma saudação aos participantes no Congresso Nacional da União Veteranos Desportistas (UNVS), organizado por ocasião do vigésimo quinto aniversário da sua União. E saúdo também os Membros da Associação Medalhas de ouro por valor atlético e da União Nacional Atletas Azúis da Itália, que desejaram unir-se-lhes.*

*Ao exprimir o meu aprazimento pelo vosso compromisso de manter sempre altos os valores morais, humanos e sociais do Desporto, de coração vos abençoo, desejando-vos todo o bem no Senhor.*

Em seguida o Papa dirigiu-se aos fiéis da Paróquia de Santo Stefano Nuovo, Diocese de Nepi e Sutri, na Itália:

*3. Estão presentes hoje nesta Praça também os fiéis da Paróquia de Santo Stefano Nuovo, na Diocese de Nepi e Sutri: entre eles encontram-se alguns simpatizantes do Desporto Hípico com os seus cavalos.*

*Também a eles dou a minha saudação, dirigindo aos atletas o voto de saberem sempre manter nas competições sentimentos de nobreza e de lealdade.*

A última saudação do Santo Padre foi para um grupo de jovens da Paróquia romana de Santa Teresa fora da Porta Salária, que se estão a preparar para a Primeira Comunhão. Eis as palavras do Papa:

*4. Uma saudação, por fim, ao grupo de meninos e meninas pertencentes à Paróquia romana de Santa Teresa fora da Porta Salária, que vieram aqui com os seus pais, com os Padres Carmelitas e com os catequistas, para receberem a Bênção do Papa para o bom êxito do curso de catecismo em preparação para a Primeira Comunhão.*

*A todos a minha Bênção.*

Retomando a palavra, entre as contínuas manifestações de afecto dos fiéis, João Paulo II disse ainda:

*Quero agradecer a todos os presentes por terem vindo apesar da chuva que caiu até agora. Talvez o céu romano mude da parte da tarde, para a visita à Paróquia de São Rafael, no Bairro do "Trullo". Desejo a todos um bom domingo.*

# As Misericórdias expressão de cristianismo verdadeiro

● Continuação da pág. anterior

grave será ainda fazê-lo numa época como a nossa, que se ufana de defender e promover os direitos do homem.

Estas considerações levam-me directamente ao segundo argumento que referi contra a actualidade das Misericórdias. Elas estariam hoje ultrapassadas e postas fora de tempo, porque o seu papel cabe aos Estados modernos e deve por eles ser assumido como tarefa social da sua exclusiva competência.

A isto responderei eu, também com o Papa João Paulo II, lembrando que a protecção social, "antes ainda de ser obrigação de justiça por parte do Estado, é obrigação de solidariedade por parte de cada cidadão". Só o Estado totalitário suprime, neste como noutros domínios, a iniciativa particular, individual ou colectiva. Só o Estado totalitário transfere para si próprio o que é das pessoas ou dos grupos intermédios, à custa, tantas vezes, de pesadas sobrecargas financeiras, de complicados aparelhos burocráticos e de escassos resultados efectivos.

Ninguém nega ao Estado o dever de garantir a todos os cidadãos o direito à segurança social, a prestação dos meios que o tornem eficaz e a coordenação das acções nessa esfera desenvolvidas. Mas isso não implica, nem aconselha, que os equipamentos e os serviços devam ser exclusivamente estatais. Pelo contrário, o Estado democrático incentivará as iniciativas e organizações privadas, capazes de contribuir para o bem comum. Se à doutrina da Igreja e à simples ética social repugnam um conceito e uma estrutura de Estado estritamente liberais, também é certo — como recentemente escreveram os bispos portugueses — que "tomar o Estado como fim em si, atribuir-lhe funções excessivas, que melhor poderiam e deveriam pertencer às pessoas, famílias ou grupos sociais (...), são práticas totalitárias, decorrentes de uma visão estatista e opressiva, que os cristãos devem igualmente rejeitar".

A benemérita função cristã e social das Misericórdias encontrará sempre espaço aberto, dentro de um Estado que deseja promover o bem comum e se preze do respeito devido à democracia e aos direitos humanos essenciais.

Serão, acaso, as Misericórdias obstáculo à organização de um serviço nacional de saúde? Assim pensaram decerto em Portugal os que, após a revolução de Abril, promoveram a nacionalização dos hospitais das Santas Casas e se propunham extinguir, unilateralmente, as que não tivessem outras actividades além das hospitalares.

Protestaram então os bispos portugueses contra a medida abusiva e faziam-no nos seguintes termos: "Não pode a Conferência Episcopal deixar de lamentar a medida tomada, que priva as Misericórdias de uma das suas actividades mais características, sem o menor entendimento com a Igreja, a qual, aliás, não deixaria de estudar, acautelados os direitos das Misericórdias, os termos de um acordo sobre a colaboração ou integração dos seus hospitais no serviço nacional de saúde". Não serão, portanto, a Igreja, nem as próprias Misericórdias, que hão-de constituir entrave à organização de um justo e necessário serviço nacional de saúde. Mas nem a Igreja, nem as Misericórdias, podem consentir que as destruam ou desvirtualizem.

## Louvor e apelo

4. Não posso terminar sem render homenagem às Misericórdias de Portugal pela determinação e valentia com que, nestes últimos anos, têm sabido defender os seus direitos que são, afinal, os direitos do povo português. O povo — o povo que trabalha e sofre — continuará a acarinhá-las, como sempre fez, e há-de agradecer-lhes o bem que realizam.

Fiéis ao Magistério da Igreja, os leigos cristãos não deixarão de ver nas Misericórdias uma expressão privilegiada do exercício da caridade. Devem, pois, ajudá-las a superar as dificuldades presentes e futuras, oferecendo-lhes interesse, colaboração e estímulo. Aos que assim procederem aplicam-se as palavras do Concílio Vaticano II, quando afirma: "Os cristãos que desempenham parte activa no actual desenvolvimento económico-social e lutam pela justiça e pela caridade, estejam convencidos de que podem contribuir muito para o bem da humanidade e para a paz no mundo. Em todas estas actividades, quer sozinhos quer associados, sejam exemplo para todos".

Existem problemas e dificuldades que afectam as Santas Casas de Portugal e, porventura, também as do Brasil. A I Jornada Luso-Brasileira das Misericórdias vai contribuir para os resolver, sem traição à fisionomia cristã que as caracteriza, sem abdicação dos justos direitos que lhes cabem e na maior abertura ao verdadeiro sentido do bem comum.

Assim o espero firmemente e, por isso, desde já dou graças ao Céu pelos resultados benéficos que hão-de conseguir-se. Para o congresso e para os congressistas imploro a bênção de Deus larga e benigna.

# Saudações a grupos particulares

**(Na Audiência geral 7 de Novembro)**

Fundação Cuidar o Futuro

**A peregrinos da parte ocidental da França**

E agora dirijo a todos vós, peregrinos franceses, uma saudação afectuosa e um cordial obrigado pela vossa presença neste impressionante encontro familiar.

Sei que viestes em grande número da parte ocidental da França, acompanhados pelo Cardeal-Arcebispo de Rennes e pelos vossos Bispos e Sacerdotes. Sei que a diocese de Aix-en-Provence com o seu Arcebispo está igualmente bem representada. Vós, Pastores e fiéis, estais profundamente satisfeitos por vos encontrardes juntos na fonte, duas vezes milenária e sempre jorrante, da unidade na verdade e na caridade de Cristo. Oxalá esta vinda a Roma seja para todos e para cada um como que uma nova Páscoa, uma passagem verdadeiramente importante para uma vida segundo o Senhor Jesus e o seu Evangelho! E nós, todos juntos, Papa e Bispos, sacerdotes e leigos cristãos, prossigamos com confiança mútua, com coragem e com fidelidade, a obra gigantesca da Redenção do mundo. Não temais! Deus está convosco, e peço-Lhe que vos abençoe, assim como as vossas dioceses, paróquias e meios onde viveis.

**Aos representantes da Loyola University de Chicago e aos estudantes do Centro Romano**

Apraz-me receber a visita do Presidente da Loyola University de Chicago e dos estudantes da faculdade do Centro Romano. Tendes parte importante a desempenhar na decisão do futuro do vosso país e do mundo. Os desafios que devereis enfrentar serão sérios. Em Cristo devereis encontrar a inspiração e a força necessárias para enfrentar estes desafios com coragem e eficazmente, com consciência da verdadeira grandiosidade da vossa condição humana e respeitando a dignidade individual de todas as outras pessoas. Peço-lhe que vos abençoe tanto agora como no futuro.

**Aos participantes na Assembleia anual das Pontifícias Obras Missionárias**

Saúdo de coração os Membros das Pontifícias Obras Missionárias, que têm nestes dias a sua Assembleia e eu torno

Continua na pág. seguinte ●

**Em Fátima**

# Cerca de 90.000 Peregrinos participaram nos actos da Peregrinação de Outubro, que tiveram a presença de 18 Bispos de 8 Nações

A peregrinação de 12 e 13 de Outubro constituiu um verdadeiro acto penitencial de muitos milhares de fiéis que assistiram debaixo de chuva, por vezes torrencial, a todos os actos realizados em honra de Nossa Senhora de Fátima.

Integradas nas comemorações do Ano Internacional da Criança tiveram especial relevância nesta peregrinação a Obra da Rua e as Aldeias S.O.S., que trouxeram a Fátima os seus dirigentes e patentearam parte das suas actividades. Com efeito foram os sacerdotes das Casas do Gaiato de Setúbal, Tojal e Miranda do Corvo, que fizeram as homilias do tríduo preparatório da peregrinação. As aldeias de Crianças S.O.S., que têm a sua actividade principal em Bicese (Estoril), vieram realizar a consagração das mães de 6 países onde esta Organização de auxílio a crianças abandonadas, se encontra instalada.

Presidiu aos actos da peregrinação o Senhor D. Francisco da Mata Mourisca, Bispo de Uíje (antigo São Salvador e Carmona) de Angola, e estiveram presentes, além do Senhor Bispo de Leiria, o Arcebispo de Mitilene (Lisboa), os Bispos Resignatários de Leiria e de Porto Amélia, dois Bispos da Argentina, um do México, um Bispo da Jugoslávia e 9 Bispos da Polónia que participaram nos Congressos Mariológico e Mariano de Saragoça (Espanha).

Cerca de dois mil peregrinos estrangeiros, de 41 grupos de 11 países estiveram presentes aos actos da peregrinação, que tiveram início pelas 19 h. do dia 12 com uma saudação do Senhor Bispo de Leiria aos peregrinos nacionais e estrangeiros. A procissão de velas efectuou-se debaixo de chuva. A imagem de Nossa Senhora foi conduzida pelos servitas desde a Capelinha para o Altar do Recinto onde foi concelebrada a Eucaristia pelo Senhor D. Francisco da Mata Mourisca e mais 56 sacerdotes. Comungaram cerca de 8.000 pessoas.

Na adoração e acção de graças que se efectuou das 0 às 3 h., tomaram parte milhares de fiéis e foi especialmente dedicada às "Aldeias S.O.S." com pregação adequada proferida pelo Padre Victor Feytor Pinto. Os actos da noite encerraram com a celebração do Rosário junto da Capela das Aparições.

Pelas 10 h. do dia 13 efectuou-se a procissão com a imagem da Virgem para o Altar do Recinto onde concelebraram 230 Bispos e Sacerdotes sob a presidência de D. Francisco da Mata Mourisca que proferiu uma homilia subordinada ao tema "Dos caminhos de Fátima que ao Pai conduzem". Comungaram 19.000 peregrinos e receberam a Bênção do SS.mo Sacramento 404 doentes, dos quais 24 vieram da Irlanda.

Antes da procissão do "Adeus" foi feita a consagração das mães S.O.S. presentes em Fátima ou representadas, pois a Associação está instalada já em 44 países.

A peregrinação terminou com a procissão do "Adeus", levando os servitas a imagem de Nossa Senhora, por entre o acenar de lenços e cânticos de milhares de peregrinos que patentearam a sua fé suportando chuva e os inconvenientes do mau tempo, durante várias horas, em espírito verdadeiramente cristão e de amor à Santíssima Virgem de Fátima.

Antes deste acto, o Senhor Bispo de Leiria, ao agradecer a presença dos Bispos, nomeadamente dos polacos, referiu a entrega em Roma dos processos de beatificação de Jacinta e Francisco Marto.

*(De: Secretariado de Informações do Santuário de Fátima)*

**Alocução da Audiência geral de quarta-feira, 14 de Novembro**

# Mediante a comunhão das pessoas o homem torna-se imagem de Deus

*A Audiência geral de quarta-feira, 14 do corrente, não pôde realizar-se na Praça de São Pedro, como desde há meses vinha acontecendo; devido ao mau tempo, teve lugar na Basílica Vaticana e na Sala Paulo VI.*

*No seu discurso, o Santo Padre continuou o ciclo de catequese sobre o matrimónio. Foram estas as suas palavras:*

1. Seguindo a narrativa do Livro do Génesis, verificamos que a "definitiva" criação do homem consiste na criação da unidade de dois seres. A sua *unidade denota* sobretudo *a identidade da natureza humana; a dualidade, porém, manifesta o que, com base em tal identidade, constitui a masculinidade e a feminilidade* do homem criado. Esta dimensão ontológica da unidade e da dualidade tem, ao mesmo tempo, significado axiológico do texto de Génesis 2, 23 e resulta claramente de todo o contexto que o homem foi criado como especial valor diante de Deus ("Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa": *Gén.* 1, 31), mas também como especial valor para o homem mesmo: primeiro, porque é "homem"; segundo, porque a "mulher" é para o homem, e vice-versa o "homem" é para a "mulher". Enquanto o capítulo primeiro do Génesis exprime este valor em forma puramente teológica (e indirectamente metafísica), o capítulo segundo, pelo contrário, *revela por assim dizer o primeiro círculo da experiência vivida pelo homem como valor*. Esta experiência está inscrita já no significado da solidão original, e depois em toda a narrativa da criação do homem como macho e fêmea. O texto conciso de *Gén.* 2, 23, que encerra as palavras do primeiro homem à vista da mulher criada, "dele tirada", pode ser considerado o protótipo bíblico do Cântico dos Cânticos. E se é possível ler impressões e emoções em palavras tão remotas, poder-se-ia também correr o risco de dizer que a profundidade e a força desta primeira e "original" emoção do homem-macho diante da humanidade da mulher, e ao mesmo tempo diante da feminilidade do outro ser humano, parece alguma coisa única e impossível de repetir.

2. Deste modo, o significado da unidade original do homem, através da masculinidade e da feminilidade, exprime-se como ultrapassagem do confim da solidão, e ao mesmo tempo como afirmação — quanto a ambos os seres humanos — de tudo o que na solidão é constitutivo do "homem". Na narrativa bíblica, a solidão é caminho que leva àquela unidade que, seguindo o Vaticano II, podemos definir *communio personarum* (1). Como já precedentemente notámos, o homem, na sua original solidão, adquire uma consciência pessoal no processo de "distinção" de todos os seres vivos (*animalia*) e ao mesmo tempo, nesta solidão, abre-se para um ser afim a ele, que o Génesis (2, 18 e 20) define como "auxiliar que lhe é semelhante". Esta abertura decide do homem-pessoa não menos, antes talvez ainda mais, que a mesma "distinção". A solidão do homem, na narrativa javista, apresenta-se-nos não só como o primeiro descobrimento da característica transcendência própria da pessoa, mas também como descobrimento duma adequada relação "à" pessoa, e portanto como abertura e expectativa duma "comunhão das pessoas".

Poder-se-ia também aqui usar o termo "comunidade", se não fosse genérico e não tivesse tão numerosos significados. "*Communio*" diz mais e com maior precisão, porque *indica exactamente aquele "auxiliar" que deriva, em certo sentido, do facto mesmo de existir como pessoa "ao lado" duma pessoa*. Na narrativa bíblica este facto torna-se *eo ipso* — de per si — existência *da pessoa "para" a pessoa*, uma vez que o homem na sua solidão original estava, em certo modo, já nesta relação. Isto é confirmado, em sentido negativo, precisamente pela sua solidão. Além disso, a comunhão das pessoas podia formar-se só em base a uma "dupla solidão" do homem e da mulher, ou seja, como encontro entre a "distinção" deles e o mundo dos seres vivos (*animalia*), que dava a ambos a possibilidade de serem e existirem numa reciprocidade especial. O conceito de "auxiliar" exprime também esta reciprocidade na existência, que nenhum outro ser vivo poderia assegurar. Indispensável para esta reciprocidade era tudo o que de constitutivo fundava a solidão de cada um deles, e portanto também o autoconhecimento e a autodeterminação, ou seja, a subjectividade e a consciência do significado do próprio corpo.

3. A narrativa da criação do homem, no capítulo primeiro afirma, desde o princípio e directamente, que o homem foi criado à imagem de Deus enquanto macho e fêmea. A narrativa do capítulo segundo, pelo contrário, não fala da "imagem de Deus"; mas revela, do modo que lhe é próprio, que a completa e definitiva criação do "homem" (submetido primeiramente à experiência da solidão original) se exprime em dar vida àquela "*communio personarum*" que o homem e a mulher formam. Deste modo, a narrativa javista adapta-se ao conteúdo da primeira narrativa. Se, vice-versa, queremos tirar também da narrativa do texto javista o conceito de "imagem de Deus", podemos então deduzir que *o homem se tornou "imagem e semelhança" de Deus não só mediante a própria humanidade, mas ainda mediante a comunhão das pessoas*, que o homem e a mulher formam desde o princípio. A função da imagem está em espelhar aquele que é o modelo, reproduzir o seu protótipo. O homem torna-se imagem de Deus não tanto no momento da solidão quanto no momento da comunhão. Ele, de facto, é desde "o princípio" não só imagem em que se espelha a solidão duma Pessoa que governa o mundo, mas também e essencialmente, imagem duma imperscrutável comunhão divina de Pessoas.

Deste modo, a segunda narrativa poderia também preparar para se compreender o conceito trinitário da "imagem de Deus", embora esta apareça apenas na primeira narrativa. Isto, obviamente, não é sem significado também para a teologia do corpo, antes constitui mesmo talvez o aspecto teológico mais profundo de tudo o que se pode dizer acerca do homem. No mistério da criação — com base na original e constitutiva "solidão" do seu ser — o homem foi dotado de profunda unidade entre aquilo que nele, humanamente e mediante o corpo, é masculino, e o que nele não menos humanamente e mediante o corpo, é feminino. Sobre tudo isto, desde o princípio, desceu a bênção da fecundidade, unida à procriação humana (2).

4. Deste modo, encontramo-nos quase na medula mesma da realidade antropológica que tem por nome "corpo". As palavras de Génesis 2, 23 falam disso, directamente e pela primeira vez, nos seguintes termos: "*osso dos meus ossos e carne da minha carne*". O homem-macho pronuncia estas palavras como se apenas à vista da mulher pudesse identificar e chamar pelo nome *aquilo que de modo visível os torna semelhantes um ao outro*, e ao mesmo tempo *aquilo em que se manifesta a humanidade*. À luz da precedente análise de todos os "corpos", com que o homem entrou em contacto e definiu conceptualmente dando-lhes o nome ("*animalia*"), a expressão "carne da minha carne" adquire exactamente este significado: o corpo revela o homem. Esta fórmula concisa contém já tudo o que sobre a estrutura do corpo como organismo, sobre a sua vitalidade, sobre a sua particular fisiologia sexual, etc., poderá algum dia dizer a ciência humana. Nesta primeira expressão do homem-macho, "carne da minha carne", está também incluída uma referência àquilo em virtude de que esse corpo é autenticamente humano, e portanto àquilo que determina o homem como pessoa, isto é, como ser que mesmo em toda a sua corporeidade é "semelhante" a Deus (3).

5. Encontramo-nos, portanto, quase na medula mesma da realidade antropológica, cujo nome é "corpo", corpo humano. Todavia, como é fácil observar, essa medula não é só antropológica, mas também essencialmente teológica. A teologia do corpo, que desde o princípio está ligada à criação do homem à imagem de Deus, torna-se, em certo modo, também teologia do sexo, ou antes teologia da masculinidade e da feminilidade, que aqui, no Livro do Génesis, encontra o seu ponto de partida. O significado original da unidade, testemunhada pelas palavras de Génesis 2, 24, terá na revelação de Deus ampla e longínqua perspectiva. Esta unidade através do corpo ("e os dois serão uma só carne") possui uma dimensão múltipla: dimensão ética, como é confirmado pela resposta de Cristo aos fariseus em *Mt.* 19 (*Mc.* 10), e também uma dimensão sacramental, estritamente teológica, como é comprovado pelas palavras de São Paulo aos Efésios (4), que se referem também à tradição dos profetas (Oseias, Isaías e Ezequiel). E é assim, porque aquela unidade que se realiza através do corpo indica, desde o princípio, não só o "corpo", mas também a comunhão "encarnada" das pessoas — *communio personarum* — conforme essa comunhão desde o princípio requer. A masculinidade e a feminilidade exprimem *o duplo aspecto da constituição somática do homem* ("esta é o osso dos meus ossos e a carne da minha carne"), e *indicam*, além disso, por meio das mesmas palavras de Génesis 2, 23, *a nova consciência do sentido do próprio corpo*: sentido que se pode dizer consistir num *enriquecimento recíproco*. Precisamente esta consciência, através da qual a humanidade se forma de novo como comunhão de pessoas, parece constituir o estrato que na narrativa da criação do homem (e na revelação do corpo nela incluída) é mais profundo que a sua mesma estrutura somática como macho e fêmea.

Em ambos os casos, esta estrutura é apresentada desde o princípio com profunda consciência da corporeidade e sexualidade humana, e isto estabelece uma norma inalienável para a compreensão do homem no plano teológico.

---

1) "Mas Deus não criou o homem deixando-o só, desde o princípio 'homem e mulher os criou' (*Gén.* 1, 27) e a união deles constitui a primeira forma de comunhão de pessoas" (*Gaudium et Spes*, 12).

2) Cfr. *Gén.* 1, 28.

3) Na concepção dos mais antigos livros bíblicos não aparece a contraposição dualista "alma-corpo". Como já foi sublinhado (cfr. nota 1 do nosso número de 4 de Novembro, p. 16, 3ª col.), pode-se falar antes duma combinação complementar "corpo-vida". O corpo é expressão da personalidade do homem, e se não esgota plenamente este conceito, é preciso entendê-lo na linguagem bíblica como "parte pelo todo"; cfr. por exemplo: "não foram a carne nem o sangue quem to revelou, mas o Meu Pai..." (*Mt.* 15, 17), isto é: não foi o *homem* quem to revelou.

4) "Ninguém jamais aborreceu a sua própria carne; pelo contrário, nutre-se e cuida dela, como também Cristo o faz à Sua Igreja, pois somos membros do Seu corpo. Por isso, o homem deixará pai e mãe, ligar-se-á à mulher e passarão os dois a ser uma só carne. É grande este mistério; digo-o porém em relação a Cristo e à Igreja" (*Ef.* 5, 29-32).

Isto será tema das nossas reflexões na parte intitulada "O Sacramento".

# Saudações a grupos particulares

● Continuação da pág. anterior

a ver de bom grado depois do encontro da primavera passada.

Desejo encorajar amplamente o vosso trabalho e dizer-vos quanto aprecio aquilo que fazeis pela causa missionária, que é a causa de toda a Igreja e do próprio Cristo. Continuai com empenho e entusiasmo a vossa zelosa e competente dedicação ao estudo e à solução dos problemas concretos relativos à expansão do Reino de Deus. E Aquele que não deixa sem recompensa, "ainda que seja somente um copo de água fresca" dado a um discípulo (*Mt.* 10, 42), vos cumule com a abundância das suas graças.

Com a minha particular Bênção Apostólica.

### Aos jovens

Perguntar-vos-eis, caríssimos jovens, por que razão o Papa, nos seus discursos, tem sempre uma palavra particular para vós. A resposta é sempre: ele tem o dever inderrogável de fazer aproximar, o mais possível, a humanidade, de Jesus que, sendo Deus feito homem, é eternamente jovem e suscitador de iniciativas cada vez mais generosas e de novos programas de vida. Vós, que estais em busca de qualquer coisa que responda às vossas legítimas aspirações e vos satisfaça plenamente, para serdes, por vossa vez, dadores de alegria e de consolação, tendes em Jesus o modelo incomparável. Ele, de facto, é a verdadeira vida, a verdadeira luz. Vós podeis gozar esta vida na sua plenitude; podeis inebriar-vos desta luz através do exercício das virtudes, santamente operosas, da fé e da caridade. Ser-vos-á possível, deste modo, difundir tais bens entre aqueles que encontrardes.

Ao mesmo tempo que vos convido a realizar esta obra maravilhosa, acompanho-vos com a minha Bênção Apostólica que faço extensiva a todos aqueles que vos são queridos.

### Aos doentes

Caríssimos doentes! O Papa, como continuamente repete nestes encontros e nos extraordinários, está junto de vós com o seu constante pensamento, a sua compreensão, o seu afecto e a sua oração. Sei que tendes necessidade de sentir que não estais sós no vosso sofrimento. Pois bem, digo-vos com toda a cordialidade e humildade: não percais nunca a coragem, estai sempre junto de Jesus, com Jesus; Ele é, em primeiro lugar, o homem das dores e de todos os sofrimentos humanos; Ele conforta-vos com a presença da sua graça, repete-vos, com o seu exemplo, que sois preciosos colaboradores da Igreja, porque, como Ele a torna fecunda com o seu sacrifício, também vós obtereis, com os vossos sofrimentos, a sua misericórdia e dons particulares de assistência e de protecção.

Desça sobre vós, sobre aqueles que vos são queridos e sobre todos os que vos tratam, para comum conforto, a Bênção Apostólica.

### Aos jovens Casais

E agora dirijo-me a vós, jovens casais presentes nesta Audiência, para vos apresentar os meus paternais votos de santa e fecunda união conjugal.

Como tive ocasião de reafirmar no recente encontro com os representantes do "Centro di collegamento tra gruppi di ricerca", o matrimónio, precisamente porque inclui uma especial participação no amor nupcial de Cristo à sua Igreja, do qual é sacramento, isto é sinal eficaz, é uma totalidade onde se encontram todas as componentes da pessoa; uma unidade profundamente pessoal, que exige a indissolubilidade e a fidelidade recíproca definitiva, e se abre à fecundidade.

Oxalá o vosso amor tenha este significado novo do cristianismo que o purifica e consolida. Com a minha Bênção Apostólica para vós e para todos os que vos são queridos.

**VALERIO VOLPINI**
*Director*

**LUÍS DA SILVA**
*Redactor-Chefe da Edição*

TIPOGRAFIA DE «L'OSSERVATORE ROMANO»